

UNIÃO PARA IMPOR A VONTADE DO POVO

Dois anos de grandes lutas, lideradas pelos comunistas — A ditadura provoca um clima de guerra civil — Para o povo conquistar paz, terra, pão e liberdade só há um caminho: o de novas lutas contra a ditadura e o imperialismo, por um governo democrático - popular

FAZ HOJE, 28 de Janeiro, justamente dois anos que Luiz Carlos Prestes, em nome dos comunistas, se dirigia em histórico manifesto aos patriotas e democratas, operários e camponeses, intelectuais e funcionários públicos, jovens e velhos, civis e militares, ho-

CARLOS MARIGHELLA

mens e mulheres, enfim, à Nação inteira, para a todos alertar diante dos perigos que já então ameaçavam a soberania de nossa Pátria e os destinos de

nosso povo, reduzido à fome e ao aniquilamento físico e sistematicamente privado de suas conquistas democráticas.

O governo de Dutra, com o apoio da maioria parlamentar, de todos os partidos das classes dominantes, e a conivência ativa do Poder Judiciário, entrava abertamente no caminho da ditadura, da entrega completa do país aos monopólios anglo-americanos e da submissão servil à política reacionária e guerreira do governo ianque.

Alertando a todos, o Manifesto de Janeiro a todos



chamava para a luta sem tréguas, sem vacilações pela liberdade e a democracia, contra a brutalidade da exploração feudal e capitalista, contra o imperialismo ianque, pela paz, pelo progresso e a independen-

cia do Brasil. Amplamente divulgado no país inteiro, o Manifesto assinalou um novo momento nas lutas de nosso povo, nas quais os comunistas provaram ainda uma vez e do modo mais (Continua na pag 3)

COMENTARIO NACIONAL

Enxotemos o Espião e Provocador Ianque George F. Kennan

ESTA MARCADA para março, aqui no Rio, uma reunião de diplomatas e espiões ianques em serviço na América do Sul, semelhante a que foi realizada, neste mês em Havana, com os funcionários do Departamento de Estado norte-americano na América Central.

Salta à vista que a diplomacia de Washington, com tais reuniões, intensifica sua pressão sobre os demais governos do Continente para obter tudo o que ainda não conseguiu em nossos países e que se apresenta de vital importância para os planos guerreiros do imperialismo: matéria primas estratégicas, bases militares, dominação econômica absoluta, controle efetivo de nossas forças armadas, carne para canhão. Mas, para conseguir esses objetivos rapaces, os políticos e os generais do dólar verificam, igualmente, a necessidade de quebrar a crescente resistência de nossos povos à guerra criminosa que preparam contra a humanidade livre e ao avassalamento brutal de suas soberanias nacionais. Daí, esta ofensiva ianque sobre os nossos países revestirem, também, o caráter de intervenção aberta e cinica em nossa vida política, de pressão e apoio sobre os grupos reacionários para instaurarem regimes abertamente fascistas onde sejam esmagadas quaisquer manifestações contrárias aos torvos propósitos de Wall Street.

Tudo isso mostra a gravidade para o nosso povo representada por essa reunião, no Rio, de espionagem ianque. Um novo assalto ela prepara, com a cumplicidade aberta da tirania de Dutra, contra o nosso petróleo e nossas fontes de riquezas naturais, contra a integridade do território pátrio, contra os bríos patrióticos de nossas forças militares, contra a vida e a liberdade de nosso povo. Não é por acaso que, antes dos diplomatas e espiões tomarem as deliberações finais para a ofensiva, Dutra concebiu o projeto de traição nacional "regulando os investimentos de capitais estrangeiros no país", projeto que, em síntese, permite que os trustes ianques se apoderem de todos os setores da economia nacional, das fontes de riquezas naturais e, inclusive, do petróleo. Não é, também, por acaso que, ligados a todas essas manobras imperialistas, os generais fascistas do Estado Maior do Exército surgem com um novo "Plano Cohen" nas mãos, a fim de justificarem uma onda mais sangrenta de repressão con-

(Conclui na pag. 15)

VOZ OPERÁRIA

UM ACONTECIMENTO HISTORICO NA LUTA DE NOSSO POVO

MAURICIO GRABOIS

HA DOIS ANOS, em 28 de janeiro de 1948, o camarada Prestes, em nome dos comunistas, lançava o seu histórico manifesto que marcaria uma nova etapa na luta de nosso povo por sua libertação nacional e social. Esse documento, que já passou à história do nosso movimento revolucionário com o nome de "Manifesto de Janeiro", foi o início da profunda modificação levada a efeito pela vanguarda organizada da classe operária brasileira em toda a sua atividade, significando o rompimento total com a antiga linha política oportunista e o início da aplicação de uma no-

va linha política revolucionária.

O lançamento do "Manifesto de Janeiro" constituiu um acontecimento de mais alta significação na luta revolucionária do nosso povo, pois essa mudança de linha política, embora não tivesse vindo a tempo de impedir os serios golpes que a reação e o imperialismo a-sestaram nas forças democráticas, evitou que o movimento do proletariado revolucionário brasileiro continuasse a seguir uma orientação reformista e se afun-

dasse no pantano do oportunismo. Esse fato, por si só, serve para caracterizar a importância decisiva do "Manifesto de Janeiro", que pôs fim à política de capitulação ao inimigo, política essa que nos levava a aceitar sem lutas as medidas mais arbitrárias e anti-democráticas do governo de traição nacional de Dutra. Essas medidas reacionárias, que culminaram com o cancelamento do registro eleitoral do PCB e com a cassação (Conclui na pag. 12)





MEXICO

A POLICIA de Miguel Alemán, chefe do México, arremeteu violentamente contra uma assembleia sindical realizada na sede da Aliança dos Trabalhadores, onde estavam reunidos, aproximadamente, mil choferes de automóveis de aluguel. Centenas de profissionais do volante foram presos e dois assassinados no ato do assalto policial, praticado a tiros, gás lacrimogêneo e golpes de casaca. A assembleia dos choferes foi por fim protestar contra a prisão de seus dirigentes, verificada na véspera, e contra a introdução de grande número de novos carros de aluguel, de propriedade de altos funcionários do governo, concorrência que veio reduzir as possibilidades de trabalho naquele setor. Reza indignação no seio da classe operária mexicana, como resultado da ação terrorista.

COLOMBIA

A DITADURA conservadora-falangista dominante nesse país obediente aos planos de provocação traçados pelo imperialismo yanque para toda a América Latina, invadiu os escritórios da direção nacional do Partido Comunista da Colômbia, do Comité Distrital de Cundinamarca e do Comité Municipal de Bogotá, e destruiu as suas instalações. Depois da brutal "razzia" e jornal "El Siglo", de propriedade do tirano Laureano Gomez, estampou, como acontece invariavelmente ali onde os lacaios do imperialismo usam o terror, uma fotografia dos escritórios exibindo um aparelho radio-transmissor, granadas e bombas de alto poder destrutivo. O objetivo da selvagem provocação foi instaurar processo contra os dirigentes do P.C.C. e atrair a este na ilegalidade.

VENEZUELA

● DIRIGENTE operário Martín J. Ramírez, membro da direção nacional do Partido Comunista da Venezuela, foi preso em Caracas e depois de vários dias de encarceramento embarcado em um avião, na completa ignorância a respeito do ponto para onde levavam ao aterrissar em Barranquilla, Colômbia, é que soube estar a caminho do Panamá, vítima de verdadeiro rapto.

OS POVOS EXIGEM A PRESENÇA DA CHINA NA ONU

DESESPERADO pelo fracasso de sua diplomacia atomica, o Secretario de Estado norte-americano Acheson acaba de declarar que os Estados Unidos continuarão a sustentar o bando de Chiang Kai Shek refugiado na ilha Formosa. Acheson teve a "sutileza" de falar apenas em "ajuda econômica", quando telegramas transmitidos pelas proprias agencias yanques noticiam a chegada de novos carregamentos de armamentos para a quadrilha de Chiang, inclusive tanques de guerra. Isto significa que os imperialistas mantêm em toda a linha sua descarada politica intervencionista e guerreira contra o povo chinês, procurando manter aceso um perigoso foco de guerra que constitui verdadeira provocação para um conflito mundial.

A decisão do governo americano anunciada por Acheson tem, porém o mérito de esclarecer a quem cabe a responsabilidade pela grave situação que se criou na ONU, onde as potencias imperialistas procuram a todo custo manter os delegados ilegítimos do Kuomintang.

Fielis aos principios socialistas e á propria Carta da ONU, a União Soviética e as democracias populares vêm defendendo com a maior firmeza os direitos do povo chinês na ONU, exigindo a expulsão da representação espúria de Chiang. A Carta da ONU é explicita: á China corresponde o direito inalienável de ocupar um dos 5 lugares permanentes no Conselho de Segurança. E a China é o povo chinês e não a quadrilha de gangsters chefiada por Chiang Kai Shek. O governo legítimo da China é aquele escolhido pelo povo chinês, comandado pelo herói popular Mao Tse Tung, e não qualquer bando de salteadores que os imperialistas lhe queiram impingir. Portanto, a unica posição justa em relação ao "problema da China", que se pretende

criar na ONU, é a que assumem a União Soviética e as democracias populares, posição aprovada por todos os povos que prezam sua soberania e não desejam vê-la esfaçalhada pelos lobos imperialistas.

Mistificando e tentando confundir a opinião pública mundial, a propaganda imperialista alardeia que a União Soviética "boicota a ONU", quando a verdade é que os imperialistas procuram por todos os meios solapar a Organização das Nações Unidas e transformá-la em instrumento de seu expansionismo mundial, como prova o caso da China. A União Soviética, ao contrário trata de salvar a ONU, manter o seu prestígio, fazê-la funcionar para o objetivo com o qual foi criada, de órgão coordenador e solucionador dos problemas internacionais.

Não há duvida, porém, que as sordidas manobras dos bandos imperialistas mundiais estão condenadas ao mais completo fracasso. Não vingará sua atual ofensiva "diplomática" contra a União Soviética e a China, dentro ou fora da ONU. Como afirmou Vichinski desmascarando as recentes declarações de Acheson sobre "anexações" de regiões da China pela União Soviética — declarações que o chanceler soviético qualificou de cinicas mentiras e deslavadas calúnias — Acheson e os traficantes de guerra norte-americanos demonstram apenas seus desespero ante a defesa de sua propria politica em relação á China.

E nada impedirá que a grande patria de Mao Tse Tung marche ao lado da poderosa e invencível União Soviética para assegurar aos povos a paz por que anseiam, reforçando e impulsionando decisivamente a luta de libertação nacional dos países coloniais e dependentes e tornando na ONU o lugar que lhe cabe e que os povos exigem seja por ela ocupado.

Traição Imperialista

APENAS UM MES se passou desde que o governo da Holanda e seus títeres da Indonésia anunciaram aos quatro ventos a "transferência de soberania" da Republica Indonésia, fazendo crer que chegava ao fim a dominação imperialista naquela nação asiática. A palhaçada está hoje desmascarada. Agentes imperialistas reiniciam ações de guerra na ilha de Java, ocupando cidades importantes e mostrando que a decantada independência da Indonésia não passa de uma farsa.

Esta semana, oficiais holandeses empreenderam ações militares de envigadura, dominando completamente centros importantes de Java. As informações tentam fazer crer que se trata de "guerrilheiros" comandados por um "desertor" do exército metropolitano holandês.

Entretanto, esse suposto deser-

tor comanda milhares de soldados holandeses e se encontra, segundo os telegramas das proprias agencias americanas, otimamente armado, inclusive com armas automáticas e caminhões os mais modernos. A cidade de Bandung, conquistada num assalto inesperado pelas tropas do capitão Westerling, foi logo em seguida retirada do domínio das autoridades indonésias para o das tropas regulares holandesas. É um fato que mostra como estas últimas estavam perfeitamente entrosadas com os fobos guerrilheiros com os bandidos chefiados por Westerling.

Mas as ações militares renovadas contra o povo indonésio não constituem surpresa para os verdadeiros combatentes pela independência nacional indonésia. Estes sabem que por trás da "transferência de soberania" continuam a agir no país os mesmos inimigos tradicionais dos trabalhadores e do povo indonésio: os grupos imperialistas da Holanda, dos Estados Unidos e da Inglaterra, velhos abutres que se ceavam das riquezas do país, desde o petróleo até o açúcar.

E o povo indonésio reconhece na prática que sua atual "independência" é uma mentira. A realidade é a escravização do país pelos imperialistas. E contra essa escravização continuarão a lutar as forças vivas do povo indonésio, até a completa e definitiva libertação nacional, segundo o exemplo heróico do grande povo chinês.

Nos Quatro Cantos do Mundo

CHINA

A EMISSORA de Peking anuncia que as tropas do Exército de Libertação, comandadas por Chu Teh, chegaram a Coia, na provincia de Sinkiang, a 16 quilômetros da fronteira setentrional do Tibet, depois de uma marcha batida de 1.340 quilômetros, em pleno inverno, por uma das mais acidentadas e inhóspitas regiões do mundo. A marcha iniciou-se em Tushuang a noroeste da provincia de Kansu, há cerca de um mês, e representa extraordinário feito militar-revolucionário.

AFRICA

NUMEROSOS movimentos grevistas verificaram-se ultimamente na Tunísia para exigir condições de vida menos desumanas. Os dozeiros de Tunis e de La Goulette entraram em greve, bem como os empregados dos Bancos, em luta há 14 dias. Na Tunísia do Sul também foram á greve os mineiros, depois de grandes protestos contra as exigências dos trustes de fosfato, que queriam aumentar a produção á custa de maiores esforços dos trabalhadores. O governador francês, "socialista", mandou a policia carregar contra os trabalhadores em diversas ocasiões. Inumeros trabalhadores têm sido presos e esmagados, mas todos prosseguem em suas lutas.

FRANÇA

UMA NOTICIA de grande importância chegou ao conhecimento do povo parisiense, apesar do esforço empregado pelas autoridades para evitar sua divulgação. Nos primeiros dias do mês corrente, 700 soldados do corpo expedicionário estacionado em Fréjus recusaram-se a embarcar no trem que se devia conduzir ao navio rumo ao Viet-Nam, para a guerra colonial. Levados á força, os soldados arrebentaram os compartimentos dos vagões, obrigando o trem a parar a 30 quilômetros da localidade. Dias depois foi feita nova tentativa para obrigar os soldados a embarcarem nos vagões, mas os ferroviários retiraram os carros e se recusaram a formar a composição.

Leia "Problemas"

MENSAGEM DOS INTELECTUAIS FRANCESES A PRESTES

Herói da Independência Dos Povos Latino-Americanos

POR ocasião do 52.º aniversário de Luiz Carlos Prestes, destacadas figuras da inteligência francesa, enviaram-lhe a seguinte mensagem de saudação:

«Os intelectuais franceses, defensores da Paz sabem calorosamente o 52.º aniversário de Luiz Carlos Prestes, Cavaleiro da Esperança e herói legendário

da independência dos povos da América Latina.

Protestando com indignação contra a perseguição aos líderes progressistas e o processo de inspiração estrangeira contra eles forja-

do, exprimem a Prestes e seus companheiros sua solidariedade, sua admiração e seus ardentes votos pelo triunfo próximo das forças da Paz, de que Prestes é o glorioso porta-bandeira. Entre outros assinam

o pintor A. Fougerson, os famosos poetas Paul Eluard, Louis Aragon e Tristan Tzara, o maestro Desormière, o antigo ministro Justin Goddard e o jurista e advogado Marcel Willard.

ATRAVÉS de seus informes e resoluções, a última Conferência do Bureau de Informação veio chamar seriamente a atenção dos partidários da paz no mundo inteiro para a gravidade de de perigo de guerra. Mostrou que esse perigo persiste e cresce, inclusive pelas mesmas razões que, em varios casos determinaram a sua subestimação: as grandes e sucessivas vitórias dos campos da democracia, simultaneamente com o desenvolvimento dos fatores de crise econômica e a agravação das contradições externas e internas nos países do campo imperialista, com o crescimento das lutas nas colônias e semi-colônias e finalmente com a agravação, por tudo isso, da crise geral do sistema capitalista.

Assim alertados, podemos observar melhor como os provocadores de guerra nos Estados Unidos tentam fazer novas chantagens com a ameaça de uma super-bomba atômica e como intensificam suas atividades conspirativas, patrocinando uma série de conferências em diferentes países, com finalidades aparentemente diversas, mas convergindo todas para o hediondo propósito do desencadeamento de uma nova guerra. Nesse sentido, o acontecimento mais grave ocorrido em nosso país, nestes últimos meses, foi o novo Plano Cohen forjado por agentes do Departamento de Estado norte-americano e alguns generais fascistas do Estado Maior de nosso Exército e distribuído a todos os comandos militares das for-

O NOVO PLANO COHEN E A LUTA CONTRA A GUERRA

OSVALDO PERALVA

ças armadas brasileiras.

Torna-se necessário, portanto, acentuar o caráter guerreiro dessa sordida provocação nazi-ianque, como fez o camarada Prestes em sua entrevista à "Imprensa Popular", quando disse: "Denunciamos com a maior veemência esse plano terrorista da reação e do imperialismo porque é principalmente para arrastar o Brasil à guerra, a uma guerra injusta e criminosa contra a URSS e as democracias populares, que se quer implantar no país um regime de ferocidade fascista. Diante da luta e da resistência do proletariado e do povo, a ditadura de Dutra não pôde entregar o nosso petróleo à Standard Oil, as nossas bases aos militaristas ianques nem arrastar o nosso povo à guerra. Por isso surgem os novos Planos Cohens, as novas provocações, visando implantar em nossa Pátria uma ditadura ainda mais terrorista, a mais negra tirania".

Nessa denuncia, o grande líder do povo brasileiro, ao apontar os objetivos imediatos do papelucho fascista, desperta também a nossa atenção para a importância das lutas que travamos no Brasil em defesa da paz. Quer dizer, nossa luta não é apenas no setor da propaganda, desmascarando as manobras dos provocadores de guerra e esclarecendo e chamando as massas para se manifestarem contra a guerra. Pa-

ralelamente a isso, é nosso dever passar a ações concretas contra os objetivos específicos do novo Plano Cohen, intensificando a campanha em defesa do petróleo, organizando a resistência ao embarque de manganês, areias monaxíticas e outros minerais estratégicos para os belicistas ianques, denunciando a presença de soldados e espíões ianques no aparelho estatal brasileiro e organizando a luta pela sua expulsão, manter acesa a batalha contra a cessão de bases militares, mobilizar as massas para impedir a ratificação do acordo que entrega parte da Amazonia aos "cientistas" de Wall Street e tomar outras iniciativas semelhantes.

Isso é tanto mais importante quando se sabe que a reação tudo faz para criar uma opinião pública fatalista a respeito de nossa participação compulsoria na guerra de agressão e rapina que os plutocratas ianques preparam contra a União Soviética e os países de democracia popular. Os figurões do regime instauram, quando não proclamam abertamente, que o peso do Brasil não altera a balança da política internacional, que apenas sofremos a influencia dos acontecimentos mundiais e não influímos sobre eles de maneira sensível, que só as grandes potências é que decidem dos destinos do mun-

do. Gritam que o papel de nosso país é de simples satélite a girar "na órbita do colosso do norte" (Raul Fernandes), que "o Brasil acompanhará os Estados Unidos em qualquer guerra" (Canrobert Pereira da Costa), "mesmo que fosse possível a neutralidade" (Cordeiro de Farias).

Entretanto a verdade é muito outra. A verdade, como observa o camarada Suslov, em seu informe ao Bureau de Informação, está nestas palavras que ele cita do grande Stalin: "Para fazer a guerra, não basta aumentar os armamentos nem organizar novas coalizões. É preciso, além disso, reforçar a retaguarda dos países capitalistas. Nenhum país capitalista pode se lançar numa guerra de envergadura sem ter previamente assegurado sua retaguarda, sem ter subjogado "seus" operários, "suas" colônias. Explica-se desse modo a fascitização gradual da política dos governantes burgueses". Eis aí por que se realizam, nestes últimos tempos, tantas conferências dos imperialistas nos países coloniais e semi-coloniais: no Ceilão, em Cuba e, segundo está projetada, em março no Brasil. Eis por que surgem as leis anti-operárias e anti-populares nos Estados Unidos, no Chile, na Argentina, em nosso país e em todos os outros do campo imperialista. Os imperialistas não terão disposição de atear fogo no mundo, sem antes se precaverem contra a ameaça de incendio na sua retaguarda — ou no seu "quintal" como preferem chamar os cínicos e estúpidos senadores ianques — que poderá queimar sua própria casa.

O novo Plano Cohen tem tais origens e objetivos. É preciso que o desmascaremos vigorosamente como instrumento de guerra. Mas sobretudo é preciso que lutemos de forma concreta e organizada contra os seus sinistros objetivos, denunciados na histórica entrevista do camarada Prestes. Esta é, pois, uma maneira de cumprirmos a tarefa de honra de todos os partidários da paz: tornar impossível o desencadeamento de uma nova guerra, derrotar todos os provocadores de guerra, lutar com mais audácia e firmeza contra a ditadura de Dutra e os imperialistas ianques. Precisamos compreender, entretanto, que para a nossa luta ter mais consequência e ganhar novas forças, devemos saber ligar cada vez mais intimamente a luta pela Paz e a independência nacional com a luta pelo Pão, a Terra e a Liberdade.

Os é ideologia burguesa que ainda nos contamina. Não soubemos romper definitivamente com as velhas concepções dominantes. Não saltamos ainda o muro que separa estas concepções da ideologia da classe operária como uma cerca separa um pantano de um trigal. Já diz um companheiro nosso que nós, escritores de vanguarda no Brasil, ainda estamos montados no muro com uma perna no velho campo inimigo e a outra no campo operário. Se não saltamos de uma vez para o campo operário, estamos perdidos.

Ou ficamos de uma vez para sempre na lama ou pulamos para o trigal.

Não devemos nos deixar envolver pela vaidade, pela auto-suficiência. Nem aceitar o elogio quando nos vem exagerado, embora feito com a melhor intenção, generosamente. Necessitamos compreender que o constante exame auto-crítico de nosso trabalho é o melhor caminho para chegarmos a merecer os louvores e os estímulos de nossos companheiros.

Ao recebermos os sinceros e espontâneos elogios de nossos leitores, procuramos apreciar devidamente o valor deles, o que nem sempre nos acontece, e procuramos saber se os merecemos. Se os merecemos a nossa obrigação é declarar: É muito pouco, companheiros, o que temos feito, diante do que podemos e devemos fazer. Quase nada fizemos à altura

(CONCLUI NA 11.ª PAG)

VOZ
dos
ESTADOS

PARA

Na sessão de encerramento do período legislativo da Assembleia Estadual, o deputado Rui Barata denunciou os crimes contra as liberdades cometidos durante todo o período de governo Dutra, sem que nenhuma voz ousasse contestá-lo. Terminou lendo o manifesto da "Liga de Defesa das Liberdades Democráticas" divulgado no Rio há algum tempo, e conclamando todos os patriotas à luta contra as leis de "Imprensa" e "segurança".

GOIAS

Prossegue ativamente no Estado a luta contra a "lei de segurança" e seção guianá da "Liga de Defesa das Liberdades Democráticas" a cuja frente o deputado Gomes Filho, dia tribuiu às suas... seções espalhadas por todo o território do Estado um manifesto contra o projeto liberticida, e que deverá receber assinaturas de todos os patriotas. O documento exige o arquivamento imediato do projeto Lameira.

RIO G. DO SUL

Reafirmando a disposição de luta da numerosa corporação bancária, foi divulgado em Porto Alegre um manifesto convocando os trabalhadores daquela categoria de todo o Estado a se unirem nas empresas para derrubar a resistência patronal à sua reivindicação de aumento de salário. O manifesto faz referências às perseguições sofridas por funcionários de bancos, e desmascara as manobras dos patrões para desvirtuar o justo movimento.

MINAS GERAIS

Foi absolvido por sentença de juiz do Fôro de Belo Horizonte o vereador Orlando Bomfim, alvo de um processo-farsa de autoria da polícia política do governo Milton Campos. A sentença absolve "in limine" o representante popular, uma vez que não lhe foi reconhecida nenhuma culpa.

PERNAMBUCO

Levavou indignados protestos nesta capital o ato de membros do clube "Nautico" expulsando de sua sede o reporter fotográfico Arlindo Barbosa de Souza, pelo "crime" de ser negro aquele profissional. Contra o gesto de odiosa discriminação racial, a Associação Pernambucana de Imprensa e a Associação dos Reporteres Fotográficos dirigiram aos jornais uma nota de condenação energética recomendando a toda a imprensa pernambucana o boicote ao noticiário daquele clube.

BAHIA

Entraram em greve em Alagoinhas os operários do Curtume Santa Cruz, em protesto contra a presença na empresa de capangas armados, destinados pelos patrões a vigiar os seus movimentos reivindicatórios. Abandonando o trabalho, e entificaram ao proprietário a empresa que somente com a retirada dos indivíduos armados voltariam ao serviço.

Resposta a um Leitor

DALCIDIO JURANDIR

Meu caro Hochman:

Agradeço-lhe a carta que me dirigiu através das colunas deste jornal. Serve-nos de vivo estímulo e ao mesmo tempo nos leva a pensar mais seriamente nas responsabilidades de um escritor na luta contra o imperialismo e pela libertação de nosso povo. Se nos estimula tanto, nos obriga ao mesmo tempo a consultar nossa consciência: Temos realmente feito um bom trabalho? Corresponde à confiança, ao entusiasmo, à admiração e às justas exigências de nossos leitores? Procuramos ouvir melhor o povo, conviver com os operários e camponeses para escrever melhor, pensar melhor, improvisar menos e sermos melhor compreendidos? Chegamos a compreender profundamente o que significa a direção do proletariado na luta pela revolução brasileira? Temos sempre escrito, como é nosso dever e nossa honra, unicamente para a classe operária, para os camponeses, para os nossos aliados, para os quadros combatentes de nossa vanguarda? Estudamos, de fato, a ciência social do proletariado, a ciência da revolução, o marxismo-leninismo-stalinismo?

Não, companheiro. Pouco temos feito para isso. Nosso atraso nesta questão é muito grande e injustificável. E isso devemos ainda à nossa origem social, à nossa condição de pequeno-burgueses, de intelectuais auto-suficientes, tremendamente individualistas, agarrados ao meio em que fomos "educados", muitas vezes pe-

VOZ OPERARIA

A DEMAGOGIA DE VARGAS e a Traição Das Classes Dominantes

AS DECLARAÇÕES feitas agora por alguns dos homens mais responsáveis pelo governo antes do golpe de 29 de outubro de 1945, entre os quais o próprio Sr. Getúlio Vargas, confirmando a denúncia de Prestes sobre a cínica intervenção norte-americana em nosso país, vem apenas comprovar a traição das classes dominantes aos interesses do povo brasileiro, mostra que todos os setores das classes dominante estiveram intimamente unidos nessa infame traição. Em vista da próxima campanha eleitoral, os diversos grupos das classes dominantes se degladiam hoje e deixam aparecer a podridão que lavra entre eles.

Quando, por exemplo, o Sr. Vargas confessa ter tido conhecimento antecipado da intervenção do ex-embaixador Berle, admite implicitamente ter compactuado com os intervencionistas, ter sido um seu agente passivo, favorecendo-os pela covardia e pelo temor ao povo. Entretanto, os que agiram ativamente também aos poucos vão sendo desmascarados, como os líderes da UDN, entre os quais o Sr. Juraci Magalhães.

A esta altura, a intervenção dos Estados Unidos favorecendo o golpe de 29 de Out. já é coisa indiscutível para todo o povo brasileiro, é um fato histórico. Não se trata somente da denúncia feita pelos comunistas no dia seguinte ao discurso de Berle. Estamos diante da confirmação dessa denúncia pelos próprios autores do crime. O antigo sub-secretário de Estado do governo norte-americano, Sumner Welles, reconheceu em suas memórias que os líderes da UDN obedeceram servilmente às diretivas de Berle, escrevendo:

"Os aderentes do brigadeiro Gomes imediatamente insistiram em que o discurso (do embaixador Berle) era indicação segura de que os Estados Unidos desejavam a saída do presidente Vargas". Reconheceu Welles que o referido discurso "revele con-

quências do mais largo alcance", e alude aos chefes políticos que "em vista do seu fascismo USARAM A INTERVENÇÃO DO EMBAIXADOR BERLE".

A verdade é que o jogo intervencionista dos Estados Unidos vinha de longe. O mesmo Sr. Sumner Welles, que afeta hipocritamente discordar da posição de Berle e Braden em 1945, havia sido o iniciador da intervenção, segundo depoimento do capitalista e lacão dos imperialistas norte-americanos Valentim Bouças que confessou cínicamente ter servido de intermediário, ainda em 1944, entre o sub-secretário de Estado de Washington e o Sr. Getúlio Vargas, visando, segundo suas próprias palavras, evitar "os movimentos, nem sempre de caráter pacífico, contra as autoridades", que previa se desencadeassem terminada a guerra.

Assim, a grande preocupação do imperialismo e das nossas classes dominantes era que as bases da ditadura de Vargas fossem garantidas contra uma arrancada revolucionária, que os privilégios dos imperialistas e seus lacaios fossem assegurados em qualquer emergência. A questão era de tal seriedade que, depois de ter dado o recado do Sr. Sumner Welles a um Vargas distraído, o Sr. Bouças adianta que foi novamente chamado à presença do chefe do governo para transmitir-lhe todos os detalhes, inteiralo de todos os desejos do Departamento de Estado.

Esses desejos foram paulatinamente sendo satisfeitos, até que o golpe de 29 de outubro de 45 afastou Vargas, já desnecessário, quando o imperialismo passava a contar com novos quadros, entre os quais o brigadeiro Gomes e Dutra, aparentes adversários que desempenharam bem seus papéis até o instante em que o avanço das forças populares os obrigou a arrancar a máscara e a agirem conjuntamente como inimigos do povo, inimigos

RUI FACÓ

rancorosos da classe operária. Caso ainda haja qualquer dúvida sobre os interesses de classe que os unia no golpe de 29 de outubro, os fatos, como por ironia, vinham confirmá-lo. Um mês depois da queda de Vargas, o seu ex-Ministro da Guerra e co-autor do golpe de 29 de outubro, era eleito chefe do governo com o apoio decisivo do próprio Vargas. Dirão os "ingenuos" que Vargas passou em seguida à oposição "reconhecendo o seu erro". Era entretanto uma oposição muito cômoda, gritantemente semelhante àquela caracterizada por Lenin 5 anos antes da Revolução Bolchevi, que entre os partidos das classes dominantes da Rússia czarista. Então diz o autor: "Da mesma forma que os nacionalistas, os autônimos são um partido governamental. Em nada se modifica este fato pela circunstância de que, de quando em quando e especialmente na ves-

pera de eleições — os oportunistas pronunciavam discursos "oposicionistas". Em toda parte onde existem parlamentos se vem observando de há muito e se observa sempre este "jogo para a oposição" nos partidos burgueses, jogo inofensivo para eles porque nenhum governo o toma a sério, e que às vezes não deixa de ser vantajoso diante dos eleitores quando é preciso "enganá-los" com o oposicionismo".

E' dessa espécie o "oposicionismo" de Vargas, como era antes das eleições de 2 de dezembro de 45 o "oposicionismo" da UDN, que em seguida se tornaria um partido governamental.

E hoje, por acaso, as posições dos partidos das classes dominantes são divergentes? De forma alguma. UDN, PSD e PR continuam a colaborar no governo, anti-popular e anti-nacional de Dutra. E Vargas, qual a posição que assume hoje? A mesma de sempre, de representante fiel dos interesses

dos grandes proprietários territoriais, dos fazendeiros ricos, dos argenteiros submissos ao capital financeiro dos Estados Unidos. De sua estância no Rio Grande do Sul, desta entrevista considerando, de acordo com a conveniência do momento, o brigadeiro "um bom candidato" e no dia imediato seu partner Salgado Filho traz instruções suas para colaborar com o PSD. Nem a velha cantilena demagógica de "ouvir os trabalhadores" consegue ocultar mais o Sr. Getúlio Vargas, tão desmascarado se acha diante dos trabalhadores esclarecidos pelos próprios acontecimentos.

Quando as vésperas de novas eleições vem o Sr. Vargas fala da intervenção norte-americana de 45 — silenciando entretanto a sequência interminável de intervenções que se seguiram aquela em todos os terrenos, desde o político até o econômico e o militar — o decadente caudilho procura captar as simpatias das grandes massas cujo sentimento anti-imperialista cresceu e se arraigou durante o governo de traição nacional de Dutra. Ante a desmoralização dos chefes da U. D. N. e do P. S. D. que colaboraram abertamente com os imperialistas norte-americanos como simples titulares do Departamento de Estado e de Wall Street, o Sr. Vargas se considera o representante das classes dominantes capaz de arrastar alguns setores que formam hoje na frente anti-imperialista.

Entretanto, as massas populares estão muito mais esclarecidas politicamente do que julga o Sr. Vargas. Recusam-se a segui-lo, como repudiam a liderança dos demais traidores dos interesses nacionais. Não esquece o povo brasileiro que Vargas assinou o infame "Acordo de Washington" entregando nossas riquezas aos monopolistas lanques, como Dutra entrega hoje o nosso minério a United States Steel, favorece a Light contra os interesses da indústria e dos créditos nacionais, elabora ante-projetos para entrega o nosso petróleo à Standard Oil. Como Vargas em 37, Dutra forja hoje um novo Plano Cohen, visando arrastar o nosso país à guerra dos imperialistas lanques. Com Vargas Dutra elabora uma "lei de Segurança" para tentar amordaçar a classe operária e o povo esmagar os patriotas e democratas.

E o povo brasileiro não quer guerra, mas paz entre os povos, quer liberdade, pão e terra para os milhões de espoliados. E isto nem Vargas lhe deu durante quinze anos de governo, nem lhe dá hoje a ditadura de Dutra. E' contra a miséria e a fome que o povo brasileiro, tendo à frente a classe operária, quer lutar e lutará cada vez com maior vigor, até o esmagamento da atual ditadura e a vitória de um governo popular democrático que assegure a completa independência nacional.

ISTO ACONTECEU

ENQUANTO o presidente da Light se banquetea na "metropole" imperialista e se gaba impudicamente da triplicação dos fabulosos lucros de sua companhia no Brasil, um de seus testas de ferro aqui, o vice-presidente da Carris, Luz e Força — J. Aragão — anuncia medidas mais rigorosas para o consumo de eletricidade, com todas as desastrosas consequências que isso implica para a vida econômica de nossa terra, especialmente para a indústria. Essa é uma das formas mais eficientes que os imperialistas encontraram para a determinação de Abink: abandonar o Brasil o caminho industrial e ser cada vez mais "essencialmente agrícola".

Já a 1.ª de fevereiro terá início o racionamento de energia. E o testa de ferro diz que a situação se agravará ainda mais se não houver chuvas e transbordamento dos rios mais abundantes. A alegação das chuvas é das mais cínicas, e isto a população está vendo com os seus próprios olhos. Mãe chuva do que têm caído ultimamente, só mesmo um dilúvio. Na verdade a sede do insaciável polvo imperialista não é de água — mas de dinheiro.

Reverendo o Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica do Ministério da Agricultura de toda a ditadura Dutra. Não falta, aliás, dentro do Catete quem advogue os interesses do monstro lanque-canadense.

Nacionalização da Light, portanto, é a medida que se impõe e que os interesses de nosso povo exigem.

DIPLOMACIA IANQUE

O SR. VARGAS NETO, deputado e sobrinho do ex-ditador e latifundiário de São Borja, esteve contando alguns pequenos fatos sobre a "diplomacia" ianque

no Brasil. Contou como a embaixada norte-americana lutou contra a industrialização da inercacuanha no Brasil não se detendo mesmo diante das mais sorridas chantagens, citou um episódio comprobatório da mentalidade fascizante do intervencionista embaixador Berle Jr. e referiu-se à "situação anterior", isto é, ao Estado Novo, quando também, como hoje, "se faziam tratados com o Brasil, para associá-lo a todos os movimentos de interesses americanos".

Naturalmente coisas muito mais graves ocorreram durante o Estado Novo e durante a atual ditadura e têm sido denunciadas vigorosamente por Prestes e outros dirigentes comunistas. Mas este fato serve para mostrar que espécie de "patriotismo" é o dos homens das classes dominantes: silenciam diante dos mais graves atentados aos interesses e à soberania de nossa pátria e somente para fins subalternos, em certas circunstâncias é que vêm denunciá-los, procurando posar de "patriotas". É o caso do sr. Góis Monteiro ameaçando de revelar, no Senado, o nome de um figurão do atual regime que propusera pedir a intervenção ianque no Brasil. É o caso do sr. Getúlio Vargas, só muitos anos depois declarando que a embaixada ianque interveio nos negócios internos do Brasil. É o caso do sr. Vargas Neto que, depois de quatro anos no mudez no Parlamento, ao fim de uma legislatura e em vésperas de eleições, vem citar esses fatos na esperança de conseguir — se não uma pasta de ministro, como o personagem do Eça, que ele cita — ao menos a renovação do seu mandato de deputado.

Em todo caso valha como mais um testemunho das atividades imperialistas da "diplomacia" ianque em nosso país.

IVETTE - A FUTURA RAINHA DA IMPRENSA POPULAR

Publicando a fotografia ao lado, da candidata de «VOZ OPERÁRIA» ao seneccional concurso promovido pelo MAIP, fazemos um apelo aos nossos leitores para que organizem Comissões Pró-Candidatura YVETTE e iniciem desde já seus planos de trabalho.

Contamos com o apoio de todos os nossos leitores e, de nossa parte, tudo faremos para que seja vitoriosa a candidata de VOZ OPERÁRIA.

Os votos ou as contribuições, à medida em que fo-



rem sendo recolhidas, deverão ser enviados para a redação da VOZ.

A VIRAGEM na atividade política dos comunistas e das massas a que se ligam e dirigem, traçada pelo histórico Manifesto de Janeiro ve encaminhando a única forma desta e problema da aliança do proletariado com as massas camponesas para, sob a direção do primeiro, levar à frente a Revolução Brasileira, agrária e anti-imperialista.

Nem é preciso dizer que anteriormente, mesmo com os desvios oportunistas da antiga linha política, nunca se deixou de destacar a importância fundamental desta aliança, de se procurar organizar e mobilizar as massas camponesas ao lado da classe operária.

Mas não basta procurar uma aliança e organizá-la em torno de suas reivindicações para que se tenha aberto, realmente, o caminho à sua aliança com o proletariado, colocá-la sob a direção da classe operária. Para que isso aconteça é fundamental uma orientação política verdadeiramente revolucionária, que não se faça nenhuma concessão reformista, que se aprofunde a luta de classes, tanto na cidade como no campo, em vez de amortecê-la.

A massa camponesa, por sua própria condição social e o atraso secular em que vive, mais facilmente que os setores menos desenvolvidos da classe operária se deixa arrastar, ainda nos momentos mais altos de suas lutas reivindicatórias, pela demagogia das classes dominantes. A história do movimento revolucionário mundial é rica de exemplos e lições a este respeito. Como

O MANIFESTO DE JANEIRO E AS LUTAS CAMPONESAS

JOAO BATISTA DE LIMA E SILVA

seria possível, portanto, romper com a influência da burguesia, dos latifundiários e do clero reacionário, do imperialismo, enfim, sobre as grandes massas camponesas, com uma orientação política cheia de desvios oportunistas, que procurava amenizar os choques de classes, que alimentava nas massas ilusões de conquistar suas reivindicações através do voto e de "movimentos pacíficos", de petições e apelos?

Na verdade, com o sentido reformista da antiga orientação política, não era dos perigos menos graves a que se expunha o movimento de libertação nacional, e de afastar cada vez mais as massas camponesas da classe operária, deixando-as incapazes de resistir à propaganda chovinista e guerreira do imperialismo e seus locais e, por isso, incapazes de acompanhar o proletariado na luta contra os planos de guerra e colonização dos trustes e segreiros lanques.

Criticando os "socialistas revolucionários" quanto à posição que assumiam diante das reivindicações camponesas, às vésperas da Revolução de Outubro, diz Lenin que "o erro dos socialistas revolucionários, do qual tornam vítimas os camponeses, consiste em divulgar a ideia de que essas transformações ou outras "semelhantes" podem se realizar sem a derrubada do regime capitalista

sem entregar todo o poder ao proletariado, sem o apoio que os camponeses pobres podem prestar às mais energéticas medidas revolucionárias aplicadas aos capitalistas pelo Estado proletário".

Guardadas as diferenças de etapa revolucionária e de situações, também se pode dizer que o mesmo erro, antes da viragem iniciada com o Manifesto de Janeiro, era justamente o de "lutar pelas reivindicações dos camponeses sem dar-lhes a convicção, adquirida nas experiências de suas lutas, de que suas reivindicações não podem ser "verdadeiramente satisfeitas" sem a derrocada do poder das classes dominantes e do imperialismo em nosso país, sem a substituição deste poder retrogrado e opressor por um regime verdadeiramente democrático, fundamentalmente baseado na aliança do proletariado e do campesinato com outras camadas revolucionárias do povo.

O abandono da antiga posição conciliadora pode, assim, imprimir nas lutas camponesas no Brasil um desenvolvimento que elas nunca tinham alcançado. Lutas como as de Quirinópolis, Erechim e município de Getúlio Vargas, manifestações como as de Tupã, Santo Anastácio e Presidente Bernardes, as várias greves no campo em São Paulo, Pernambuco, Bahia e Ceará educaram política-

mente fortes contingentes das massas camponesas mas do que todo o trabalho de propaganda e esclarecimento que se fez durante as campanhas eleitorais e os anos de legalidade do movimento comunista. Em todas essas lutas milhares de camponeses começaram a compreender que dos "místicos poderes constituídos" eles só têm a esperar o terror mais sangrento e feroz. Aprenderam, igualmente, que podem resistir a esta onda de terror, que nesta resistência conta com o apoio certo do proletariado, cujas lutas por outro lado, facilitam as lutas no campo, não somente desarmando a reação, mas também transmitindo aos camponeses preciosa experiência e estímulo.

É certo que a organização das lutas camponesas, principalmente nas grandes concentrações rurais, ainda não se encontra à altura de enfrentar decididamente a grave situação de nosso país. Apesar de uma dezena de exemplos brilhantes da combatividade e radicalização das massas no campo, as condições existentes são para o desencadeamento de lutas ainda mais vigorosas, tanto mais quanto se agrava a situação de miséria e exploração dos camponeses e recrudescem o terror policial e latifundiário contra eles. E acrescentemos: tanto mais quanto o crescimento dessas lu-

tas se torna imperioso e inelutável, assim de que acompanhe o crescimento das lutas do proletariado e das massas urbanas, num momento em que se aprofunda a penetração imperialista no país e aumenta o perigo de guerra; num momento em que o nosso povo é chamado a decidir com firmeza do futuro de nossa Pátria que ou a libertamos do jugo do imperialismo e da opressão feudal burguesa ou se transformará rapidamente numa colônia dos abutres de Wall Street.

Sabemos todos que não é um trabalho fácil por em movimento a grande massa camponesa explorada, oprimida e brutalizada pelo latifúndio, reuni-la e lançá-la à luta, por suas reivindicações que são, como assinala o camarada Prestes, as mais diversas e complexas, variando de município a município e, inclusive, de fazenda em fazenda. Contudo, os comunistas competem "vencer todas as dificuldades", com o apoio da massa que tomou o caminho da luta impulsionada pelas próprias condições de miséria e opressão em que vive. No caso, o que é preciso é viver a justa orientação do Manifesto de Janeiro, colocando-se resolutamente à frente dos camponeses sem a menor vacilação para a defesa de suas reivindicações, indo nessas lutas até às últimas consequências, sem nunca tentar amortecer o impulso revolucionário da massa.

Podemos dizer com Lenin que seria imperdoável "olvidar as dificuldades", mas "o que importa é estar seguro de haver escolhido o bom caminho. Esta confiança centuplica a energia e o entusiasmo revolucionário, que são capazes de realizar milagres".

De quem podem a democracia e a revolução brasileira, a luta pela nossa independência, pelo socialismo e pela paz — tudo esperar senão fundamentalmente da juventude?

São os jovens que despertam no mundo de hoje que estão mais capacitados para lutar e conquistar o mundo do presente e do futuro. A juventude é, desse modo, o grande manancial das fileiras revolucionárias, a esperança e a certeza, a torrente que vai se espraiar amanhã e que é hoje apenas, em nosso país, por culpa nossa, um tênue fio d'água. Mas é preciso que o fio d'água se faça uma torrente poderosa, é preciso que a torrente desça dos montes, vença os obstáculos e se transforme no rio caudaloso que corre na planície.

Assim tem sido em todo o mundo. Assim são as leis inevitáveis da História. Basta que olhemos para o mundo. Nós somos ainda o fio d'água. A torrente está na China. O rio que corre na planície é a gloriosa União Soviética. São fases da vida que os homens devem atravessar, mas quando os homens se guiam por princípios firmes e pela verdadeira consciência então os homens mudam a face das coisas, a face da vida, a vida da História e os acontecimentos precipitam, ajudando-nos a cumprir a missão que nos foi determinada.

Os jovens brasileiros de vanguarda têm diante de si, num momento grave como este da humanidade, uma missão muito seria. Ai estão as grandes massas juvenis sem nenhum contato conosco, à nossa espera e como que nos desafiando. E nós, não estamos junto às grandes massas juvenis, acolhidos no seu seio, com elas trabalhando, apontando-lhes o caminho na luta por aquelas coisas que a juventude quer, mas não sabe querer ainda de forma organizada e unitária, e não o

Prestes e a Juventude

Aydano do COUTO FERRAZ

saberá querer enquanto nós não estivermos dirigindo todas as suas lutas.

Sei que não é fácil a tarefa de dirigir as lutas de nossa juventude. Mas há uma raça de homens — para usar uma expressão literária — para a qual não existem dificuldades. Vocês pertencem a essa raça de homens. É a raça mais poderosa e forte do mundo. Sua debilidade, nos dias que vivemos, está em não conhecer sua própria força. Quando essa raça tem conhecimento de sua própria força, e emprega essa força de forma justa e adequada, então tudo se torna fácil e a vida marcha para a frente. Até uma terrível doença que costuma dar em certa fase nessa raça poderosa pode ser neutralizada. É uma doença chamada sectarismo. Por certo os jovens a conhecem. Muitos de nós fomos ou somos portadores dessa doença. É uma doença especial que por si mesma nos isola, porque não é uma doença qualquer, é uma doença política.

Quando está acometido de tão triste doença, o jovem perde a jovialidade, vê o mundo sob um ângulo restrito, nosso horizonte se encurta, tratamos os demais pessoas com arrogância, achamos que todos deveriam ser como nós, pessoas politizadas, desprezamos o trabalho mais difícil e fecundo, que é o trabalho do dia a dia, falamos uma linguagem estreita, fechada, chega até a não ser compreendidos pelo comum dos mortais. Mas o diabo, caros companheiros e amigos, é que precisamente o comum dos mortais, as coisas que desprezamos, porque não são políticas ou porque têm naturais e explicáveis pre-

conceitos contra a política, são a fonte simples, a grande massa de jovens, a esmagadora maioria da juventude no meio da qual, confundidos com ela, devemos atuar, não numa palavra, a juventude de um país como o nosso, a juventude brasileira que gosta de futebol, de conversas nas esquinas, que discute os programas de rádio que ai temos, que no morro frequenta a escola de samba e que, na zona norte ou na sul, pertence a uma liga de esporte menor ou joga a pelada na praia.

Ai, pois, ao lado da fábrica, da oficina e da escola, deve estar a nossa juventude de vanguarda se não estiver embotada pela moléstia do sectarismo. Ai é que devem estar os jovens que aspiram ao título honroso de discípulos de Luiz Carlos Prestes. E sabem por que?

Precisamente porque foi ele, em nossa Pátria, quem nos ensinou isto, baseado nos ensinamentos que bebeu nos princípios imortais do marxismo, nas lições que recebeu na gloriosa União Soviética, nos novos conhecimentos que adquiriu, ensinando e aprendendo, com os seus companheiros, com a classe operária e o povo — foi ele quem nos ensinou a verdade sempre presente de que a nossa teoria de vanguarda não é um dogma e sim um guia para a ação, e por isso principalmente.

Lembro-me, para contar aos jovens, de um fato somente que se prende à vida de Prestes que dá uma ideia bem nítida de como se deve trabalhar junto ao povo para merecer a

aliança do povo, trabalhar em primeiro lugar com sinceridade e espírito de responsabilidade, trabalhar sem arrogância e presunção, trabalhar com simplicidade e modestia, trabalhar de uma forma pela qual podemos ser compreendidos e a nossa liderança ser aceita. Eis o fato.

Há dias recebemos em nosso jornal uma carta de Rio Bonito no interior do Estado do Rio Grande do Sul, assinada talvez por um desses milhares de homens do campo que vivem no programa de restes a única esperança de sua vida, porque sonham possuir um pedaço de terra para lavrar sem a opressão e a ganância — um grande senhor como vizinho. Esse homem, contudo, ainda tem a felicidade de saber juntar as letras de grafar as palavras, de escrever alguma coisa, coisa que não é comum no interior de nossa Pátria. Ele nos mandava sua carta com carinho para o aniversário de Prestes, uma carta e o fez em dez ou doze linhas, reproduzindo a história da lavadeira a cuja casa Prestes ia ainda estudante, subindo o morro, para conversar com o marido estivador.

Procurei ver se aquele fato novo ou se já havia sido divulgado. Não me lembrava de o ter lido em parte alguma. Depois é que me certifiquei de que aquilo aparecia no livro de Jorge Amado sobre a vida de Prestes. Não, o fato não era novo! Mas ali havia uma lição. Sua importância era tão grande que um homem do interior, um homem do povo, lendo-o

gravar na memória e agora nos mandava de volta para contar de nosso jornal, como a sua homenagem ao grande líder brasileiro. Procurei conhecer mais detalhes do fato e esses já não aparecem no livro de Jorge Amado e talvez o homem do povo de Rio Bonito, que escrevera a carta, também não o conheça como eu não o conhecia antes.

O jovem estudante do Colégio Militar, que subia o morro do Meyer, não o fazia pelo simples prazer de conversar com pessoas de uma família pobre, mas sobre tudo sobre que a sua, e ai é que está toda a nobreza, todo o calor humano, toda a simplicidade e também a moral desta história. O jovem Prestes, o que fazia, era com a sua presença confortar a lavadeira que se atrasara na entrega da sua única roupa branca. O que ele fazia era, com a sua paciência, dar uma prova de solidariedade a aquela mulher. Não a censurava pelo atraso involuntário, a ela, uma mãe de família cheia de filhos, morando no morro e lavando a roupa para ajudar o marido estivador. E quanto ela ultimava os preparos da roupa, passada a ferro ali mesmo, às suas vistas, ele conversava com o trabalhador, a gurizada subia nas suas pernas e, algum tempo depois, Prestes descia com a carga preciosa que era a sua única roupa branca.

Razão tinha o homem do Rio Bonito, com a sabedoria que o povo possui, em destacar esse fato que tanto o impressionou numa vida legendária, tão cheia de vivas glórias como a vida de Prestes. Porque até hoje, passados tão longos anos, fora da imensa família comunista, nem todas as amizades e admirações serão fiéis a Prestes como (Conclui na pag. 15)

União para impor a vontade do povo

(Conclusão da 1.ª pág.)
convicente serem os únicos que mantêm bem alto, apesar da crescente reação policial e do terror desencadeado contra o comunismo e os comunistas, a bandeira da libertação nacional, e que, à frente do povo, e junto do povo, participam ativamente de todos os seus combates.

DOIS ANOS DE GRANDES LUTAS

Os comunistas foram, efetivamente, nestes dois anos, os únicos que lutaram pelos interesses do povo, que se mantiveram fiéis ao seu programa, sempre e cada vez mais ligados a todos os trabalhadores, dirigindo-os na luta contra a carestia da vida, por maiores salários e melhores condições de trabalho. Foram os únicos que à frente dos camponeses lutaram com eles contra a exploração semi-feudal e pela posse da terra, lutaram à frente dos partidários da paz contra as ameaças de guerra e, enfim, dirigiram a luta de todos os patriotas contra a crescente entrega do Brasil aos monopólios anglo-americanos e pela independência nacional do jugo imperialista.

Os dois anos transcorridos desde o lançamento do Manifesto de Janeiro foram anos de árduas lutas. Nessas lutas o nosso povo demonstrar, antes de tudo, sua imensa vontade de paz e dizer bem alto aos provocadores de guerra imperialistas e aos seus agentes no país que não se deixará arrastar às suas aventuras guerreiras, nem trabalhará para a guerra, nem admitirá que o sangue de nossa juventude seja derramado em benefício dos banqueiros anglo-americanos, nem jamais participará de qualquer guerra de agressão, muito especialmente contra a gloriosa União Soviética, baluarte da paz e do socialismo, para o qual se voltam cheios de esperanças os povos oprimidos do mundo inteiro. Estes dois anos foram, igualmente, anos de grandes lutas da classe operária, que se levantou contra a miséria e a reação policial, enfrentando com decisão e coragem a ofensiva patronal contra as suas conquistas econômicas e a política do governo que, por ordem de Truman e dos monopólios anglo-americanos, vem desferindo golpes para anular seus mais elementares direitos políticos e sociais. Já em 1948, cerca de 250 000 trabalhadores, no país inteiro, recorreram à greve para conquistar suas reivindicações; e no último ano, um número ainda maior de trabalhadores seguiram o mesmo caminho, radicalizando suas lutas, com o levantamento, inclusive, de reivindicações políticas.

Lutaram também os camponeses em diversos pontos do país, e muito particularmente em São Paulo e no Rio Grande do Sul, contra a brutalidade da exploração semi-feudal, contra a miséria crescente e pela posse da terra. Lutaram os estudantes, que chegaram a levantar na sede da UNE barricadas contra a polícia. Lutaram os marinheiros que

fizeram manifestações de protesto e exigiram maiores vencimentos. Amidaram e os movimentos populares de protesto em que o povo enfrenta com decisão e coragem a brutalidade policial. A luta contra as leis de exceção, em defesa da liberdade de imprensa contra a entrega das riquezas nacionais ao imperialismo ganha vulto no país inteiro.

O balanço destes dois anos de lutas não pode deixar de encher de orgulho os comunistas e todos os patriotas, reforçando-lhes a convicção de que, por maiores que sejam os sacrifícios, ainda a enfrentar, estamos no caminho certo e seguro da libertação de nossa Pátria.

A DITADURA PROVOCA UM CLIMA DE GUERRA CIVIL

Mas, à medida que o povo luta pela independência nacional do jugo imperialista, por paz, pão, terra e liberdade, aumenta a violência policial contra o povo, desencadeada o governo uma crescente onda de terror, espancas, tortura e matas os melhores lutadores, cria voluntariamente um clima de guerra civil no país. Assim procedem, não somente o governo federal, como todos os governos estaduais. O sangue do povo corre em Minas Gerais, onde o udenista Milton Campos utiliza os policiais da empresa imperialista de Nova Lima para mandar assassinar os dirigentes operários mais destacados e queridos, como William Dias Gomes e Lamberti; na Bahia, onde a polícia do demagogo Otavio Mangabeira mata os operários que lutam contra a fome nas usinas de açúcar de Santo Amaro; no Ceará, onde os policiais do governo udenista, de mãos dadas com bandidos integristas, fuzilam em praça pública o bravo lutador antifascista Jaime Calado; em São Paulo, onde a polícia do aventureiro Ademar de Barros massacra camponeses em Tupã, lutadores pela paz no porto de Santos e em plena Capital do Estado; no Rio Grande do Sul, em Pernambuco, em todo o país, enfim, onde os regulares estaduais e municipais seguem à risca as instruções do governo central, anulam todos os direitos constitucionais, prendem e espancam operários, camponeses, estudantes e intelectuais, sem respeitar nem mulheres nem crianças.

E, na Capital da República, visando evidentemente aterrorizar e quebrar o crescente e heroico movimento das mulheres que se levantam no país inteiro contra a guerra e contra a miséria, o Sr. Dutra manda assassinar covardemente uma jovem esposa em estado de gravidez — Zelia Magalhães — heroica lutadora pela paz cujo exemplo não será jamais esquecido pelo nosso povo e cujo sangue estigmatiza para sempre um governo de traidores a serviço do opressor estrangeiro. DEFINEM-SE CLARAMENTE OS DOIS CAMPOS.

Mas, se ao tentar criar este clima de guerra civil visa a ditadura um ambiente que lhe permita massacrar os principais dirigentes de nosso povo na luta contra a

guerra e o imperialismo, pela independência nacional; se e que pretende o tirano Dutra como chegou a declarar seu líder na Câmara Federal, é criar no país condições que lhe permitam caçar e matar comunistas como se fossem animais selvagens, e que tem na verdade conseguido é melhorar definir em nossa terra os dois campos de forças sociais que nela hoje se defrontam, em antagonismo cada vez maior e mais claro. De um lado, está a ditadura do Sr. Dutra a serviço do imperialismo, com a sua maioria parlamentar, com os latifundiários e grandes capitalistas que o apoiam, com os dirigentes de todos os partidos políticos das classes dominantes, do P. S. D. à U. D. N., do P. R. ao P. T. B., do ajustamento ade-marista aos socialistas de Sr. Hermes Lima e aos dirigentes de integralismo. Do outro lado estão as grandes massas trabalhadoras operárias e camponesas, os intelectuais honestos que não se prostituem aos opressores estrangeiros ou a seus agentes no país, o funcionalismo cívico, civil e militar, os estudantes, os pequenos comerciantes e industriais, a maioria esmagadora do povo, enfim, homens e mulheres, jovens e velhos que lutam, orientados e dirigidos pelos comunistas, contra a miséria, que lutam pela independência da Pátria do jugo imperialista.

São duas políticas que se defrontam, num antagonismo que se torna dia a dia mais claro para todos, que não admite um terceiro caminho, e que obriga a todos seja qual for sua posição social, sua crença religiosa ou opinião política, a se definir num ou noutro sentido.

O SENTIDO DA POLÍTICA DO GOVERNO DUTRA

A política do governo Dutra, com todos os que o apoiam, desenvolve-se no sentido da submissão cada vez maior ao imperialismo norte-americano. A medida que cresce no mundo inteiro as forças da democracia e do socialismo, que a U. R. S. S. consolida e reforça sua economia, que os povos da China se libertam do jugo imperialista, que os partidários da paz no mundo inteiro se organizam e unem suas forças, que cresce o movimento operário e a influência dos Partidos Comunistas em todo o mundo, as forças do imperialismo — o mundo capitalista minado por contradições internas cada vez maiores — desesperam-se, tornam-se mais agressivas, preparam-se abertamente para a guerra, cujo desfecho querem precipitar, e exercem pressão cada dia maior sobre os governos dos países dominados, dos quais exigem submissão e obediência crescentes.

Diante da pressão imperialista é cada vez maior a capitulação do governo Dutra, que entrega o país à total exploração dos monopólios anglo-americanos, coloca sua economia numa dependência quase absoluta da economia dos Estados Unidos, tende a liquidar a indústria nacional e procura descarregar todo o peso da crise sobre as grandes massas trabalhadoras por meio de uma política de inflação crescente,

que determina o encarecimento do custo da vida a ritmo sempre mais acelerado e a consequente baixa casual do salário real, que já é de fome para as mais amplas massas trabalhadoras.

Além disso, a política de preparação aberta para a guerra determina, em cada vez maiores, que já representam mais de 50% do orçamento federal cuja bancarota a ninguém mais é possível ocultar. Mesmo a alta recente do preço do café, não passa de especulação imperialista que, de um lado aumenta espetacularmente os lucros das grandes firmas interessadas no negócio do café (firmas predominantemente americanas), permite de outro lado que o Banco do Brasil faça novos e mais vultosos empréstimos aos grandes fazendeiros. E isso exige novas emissões de papel-moeda, um novo impulso na inflação, maior carestia da vida e uma redução ainda mais acelerada do salário real de operários, colonos de café, de todos os trabalhadores enfim. Com a alta do preço do café visa o imperialismo reconduzir o Brasil novamente a monocultura, acelerar sua colonização e colocá-lo na inteira dependência econômica e política do governo de Washington.

É claro que essa política das classes dominantes brasileiras, de total capitulação aos monopólios anglo-americanos, só pode ser realizada pela força. A pressão imperialista sobre o governo Dutra é também neste sentido. No sentido de terror policial, de ditadura aberta e da marcha franca em direção ao fascismo, a fim de que sejam esmagados no país os últimos vestígios democráticos, e fique assim assegurada a "ordem" que interessa ao imperialismo e eliminada qualquer possibilidade de protesto ou de revolta naquilo que o imperialismo considera sua retaguarda para a guerra contra a URSS e as democracias populares.

OS NOVOS E VELHOS QUADROS DO IMPERIALISMO

Mas, à medida que o governo Dutra se desmascara como um governo de traição nacional, de entrega total do país e de seu povo ao opressor imperialista, quando a demagogia do pretense Plano Salte ou das Obras do São Francisco já não servem para enganar as grandes massas, tratam as classes dominantes de ensaiar novas manobras para enganar ainda o povo e conservá-lo sob sua direção. Os políticos reacionários e seus patrões imperialistas sentem que o povo lhes foge rapidamente das mãos e que já não são mais eles que dirigem os acontecimentos, mas ainda tentam manobrar.

Os mesmos políticos que nestes dois anos de luta estiveram sempre unidos contra o povo, e sempre apoiaram a política de traição nacional de Dutra, os mesmos políticos de acordo interpartidário e da cassação de mandatos, acentuam agora diante das massas populares suas divergências, mostram-se divididos e fazem mil tentativas para encontrar a forma mais habilidosa de enganar o povo e a. Atrás do "salvador" do homem milagroso que dará

pá e liberdade. Até o tirano Vargas, cujo nome lembra a polícia de Filinto Müller, os lucros extraordinários, a inflação e a fome para o povo, já se apresenta como "salvador" e pretende mais uma vez enganar o povo como o fez em 1930 e 37.

Que se mantenham alertas, porém, os trabalhadores e todos os patriotas. Que ninguém se deixe enganar. Os políticos das classes dominantes podem brigar entre si, podem discordar quanto aos processos que lhes pareçam mais convenientes para tentar enganar o povo; não podem pretender eleições num regime ditatorial como este que aí está, sem liberdade de imprensa, sem direito de reunião, sem direito de associação política para a classe operária, ou podem julgar melhor o golpe de Estado, a substituição violenta de Dutra por outro general qualquer ou prolongar por mais algum tempo o mandato do próprio Dutra mas é evidente que o objetivo de todos eles é sempre o mesmo: continuar no poder unidos contra o povo, unidos para servir aos monopólios anglo-americanos, unidos contra a paz, unidos na mesma política de entrega do país ao imperialismo e de fome e sangue para os trabalhadores, para a maioria esmagadora da população do país.

Que ninguém se deixe enganar! Enquanto os políticos discutem e tentam mil manobras demagógicas; enquanto a imprensa venal enche colunas e páginas com as discussões em torno da sucessão presidencial, prossegue inexorável a penetração imperialista no país, a polícia de preparação para a guerra, a entrega de nossas forças armadas ao comando laque, aumenta a carestia da vida, a miséria do povo e o processo evidente de fascistação do aparelho do Estado. E o isto com o apoio ostensivo ou tácito de todos os partidos das classes dominantes, de todos os políticos, latifundiários e burgueses inclusive daqueles que ainda pretendem se apresentar como "salvadores", ou amigos do povo e dos trabalhadores.

Sob o jugo imperialista, como nos encontramos, nem eleições nem golpes de Estado salvadores poderão modificar a situação. Poderão ser trocados os homens no Poder, mas a política de entrega do país ao imperialismo, de preparação para a guerra, de marcha para o fascismo prosseguirá.

O NOSSO CAMINHO

O que precisamos fazer, todos os patriotas e democratas, é unir pois nos e forças para impor a vontade do povo, derrotar a política de traição nacional de Dutra e fazer triunfar a política oposta, a política do povo.

Nossas forças são muito maiores que as da reação tanto no âmbito interno como no internacional. Mas é necessário lutar, com energia e decisão, e não perder tempo, não permitir que a reação prossiga em maior resistência de nossa parte, não permitir que continue a venda do país ao imperialismo, nem que a ditadura de novos passos no caminho de preparação para a guerra.

É preciso lutar com mais audácia em defesa da paz pela independência nacional do jugo imperialista.

(Conclui na pag. 11)

Recusai Transportar Material de Guerra

APPELO DA FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS MARITIMOS DA FRANÇA

Num comunicado, a Federação dos Marinheiros, constatando a ação crescente da população francesa contra a guerra, «recomenda a todos os marinheiros franceses, onde quer que se encontrem, a se recusar transportar material de guerra.» Diz o comunicado:

«O Bureau federal se dirige ao mesmo tempo a todos os marinheiros dos outros países suscetíveis de ser solicitados a transportar material de guerra dos Estados Unidos para a França, de se solidarizarem com os marinheiros e doqueiros franceses e se recusarem transportar esse material para os portos franceses.

Este apelo é dirigido particularmente aos marinheiros dos Estados Unidos, da Gran Bretanha, Canadá e Países Escandinavos».

Foi dirigida uma carta aos marinheiros dos grandes países marítimos, chamando-os à solidariedade internacional e pedindo-lhes que se recusem transportar material de guerra para os portos franceses.



As Lutas Dos Portuários de Paranaguá, em 1949

WALDEMAR DE ALMEIDA

TRÊS GREVES foram descomodadas o ano passado. No Porto de Paranaguá: a primeira, em agosto e durou seis dias, dela participando os trabalhadores da estiva marítima, contra a portaria Clovis Pestana que mandava retirar a majoração de 50% nos salários de carga e descarga em navios estrangeiros; a segunda, no mês de setembro, dos trabalhadores da estiva terrestre que exigiam o pagamento do repouso remunerado e 50% de aumento de salários — esta greve durou quatro horas; a terceira greve verificou-se a 19 de dezembro, feita ainda pelos trabalhadores da estiva terrestre, em continuação da luta pelas reivindicações que não obtiveram com a greve de 4 hs., no mês de setembro. Este último movimento durou dois dias.

Nessas greves os trabalhadores conquistaram vitórias parciais: a portaria de fome baixada pelo negociista Clovis Pestana foi revogada, começou a ser pago o repouso remunerado aos estivadores terrestres, se bem que em partes, sem obediência à tabela, e não desde o mês de janeiro de 1949, como tinham direito, mas somente a partir do mês de agosto.

Na primeira greve os estivadores tomaram o Sindicato das mãos da junta de pelegos que os traíam, e isso foi, sem dúvida, uma vitória. Entretanto, ainda com uma vigilância de classe e com ilusões no Ministério do Trabalho, deixaram que os pelegos fossem substituídos por outros que constituíram uma junta governativa igual à anterior.

O mais positivo nessas lutas, entretanto, é o fato de que mais de dois mil operários foram perdendo através das suas ilusões nos ministérios, nos pelegos e também em relação à polícia, pois o delegado capitão Palmiro, tentava passar-se por bom moço até que os trabalhadores começaram a lutar. Então os portuários verificaram que a polícia das classes dominantes é sempre a mesma: polícia de espancadores e assassinos, em qualquer lugar.

Muitos lados negativos tiveram essas greves, tais como: 1) foram movimentos quase espontâneos e se bem que a vanguarda tomava a frente deles e seus líderes foram acompanhados pela massa, não se soube aproveitar com firmeza e elevar o espírito e a decisão de luta dos portuários; 2) as comissões sindicais formadas no próprio curso da greve centralizaram demais as tarefas, não dando oportunidade a outros operários de participar mais ativamente das tarefas de organização e propaganda da greve; 3) somente na primeira foram organizados os piquetes de greve, mas nas seguintes foram eles inteiramente subestimados, o que deu lugar ao surgimento de furões; 4) foi descuidado o movimento de solidariedade, o que contribuiu para que, na primeira greve, na

estivadores voltassem ao trabalho premidos pela fome; 5) finalmente, não houve ainda uma perfeita articulação entre a estiva marítima e a terrestre, apesar de fortalecer cada movimento grevista todo o porto.

Depois dessas lutas os trabalhadores de Paranaguá começaram a enfrentar na própria carne a violenta repressão policial-patronal da ditadura de Dutra. Os mais destacados lutadores estão sendo perseguidos e recentemente foram afastados do trabalho 3 dos mais destacados líderes dos estivadores: Luiza, Antônio Maia e Braga.

Os estivadores, contudo, estão compreendendo sob o fogo direto da reação, o que é na verdade o governo de Dutra e seus parceiros: uma ditadura de inimigos dos trabalhadores e do povo, de esmecedores da classe operária.

Por isso, em vez de recuarem e se intimidarem, reforçam seu espírito de luta. Atualmente, por exemplo, mais de 200 estivadores, num setor de 300, já assinaram enérgico memorial exigindo à administração do porto a volta ao serviço de seus companheiros afastados arbitrariamente. Letras de contribuições financeiras para ajuda às famílias desses lutadores correm por todo o cais, encontrando a efetiva solidariedade dos trabalhadores. No momento está organizada uma comissão de luta pelo Repouso Semanal.

Com as experiências das lutas de 1949, os estivadores de Paranaguá sabem, portanto, elevar a um nível mais alto os seus combates contra a fome e a miséria, por liberdade e paz.

PRESTES - MILITANTE DISCIPLINADO

MARIO LAGO

SEM ARGUMENTOS para destruir a tradição de partidos organizados que cerca os Partidos Comunistas, e vendo nisso uma das razões da confiança sempre crescente que as massas neles depositam, a reação lança todos os recursos numa campanha visando desvalorizar essa tradição, procurando incutir no espírito do povo que essa organização e conseguida à custa de uma disciplina férrea de cima para baixo, que os dirigentes comunistas manejam a seu bel prazer e vontade dos militantes, aos quais não devem contas e dos quais tudo exigem.

Nessa campanha, como não podia deixar de ser uma vez que estão procurando fazer média com o patrão ianque, mais se destacam os "socialistas" de direita, os trotskistas, anarquistas e demais variantes de aradores do movimento operário, mais ridiculos do que a reação a olho nu — pobres zowns fracassados querendo empalmar com velhos profissionais da palhaçada! — aproveitam a oportunidade para engrossar o cantocho do anti-sovietismo, atribuindo tudo ao que eles chamam de "comunismo russo", em ultima análise, a Stalin.

Os Partidos Comunistas nunca negaram a disciplina férrea que os rege. Ao contrário, proclamam-na. É a lição dos clássicos do marxismo. Mas o fato que vamos contar mostra claramente como se exerce essa disciplina.

Foi por ocasião do aniversário de Prestes em 1947. Estávamos às portas das eleições de 19 de janeiro. Prestes viajara no dia 4 e só voltaria a falar ao povo da capital da Republica no encerramento da campanha eleitoral. Era preciso, nessas condições, transformar as comemorações de seu aniversário na maior mobilização possível de massas, pois a palavra de ordem era "por uma bancada majoritaria".

E a comissão encarregada de organizar e dirigir os festejos — da qual faziamos parte — organizou um programa vivendo o momento que atravessávamos.

A comemoração teriam inicio a zero hora do dia 3 na União das Escolas de Samba, numa festa a que Prestes compareceria. A's 5 horas da manhã, alvorada em

frente à sede do Partido e distribuição de um bolo gigantesco armado em plena via publica. Completava o programa organizado pela comissão a realização de onze festas-comícios compreendendo zonas sul, centro norte e suburbios (Central e Leopoldina).

No dia 2 à noite levamos à sede do Partido esse programa a fim de ser traçado o itinerário. O dirigente que nos recebeu objetou, sem querer impor seu ponto de vista de dirigente, que Prestes teria que viajar no dia 4 pela madrugada e que aquele programa não lhe permitiria o minimo descanso. Não nos demos por vencidos, fazendo ver a importancia politica daqueles festejos. Alguem objetou que no ano anterior as festas do aniversário de Prestes haviam sido brilhantes sem ser preciso aquele programa. No ano anterior, ponderavamos, vihamos de uma eleição enquanto que naquele ano iam para uma eleição.

Já durava quase quinze minutos a nossa troca de pontos de vista quando Prestes entrou na sala. Ouviu todas as ponderações e encerrou o assunto com esta frase:

— Foi constituída uma comissão para organizar o programa. Vamos ver o melhor itinário para cumprir o que foi traçado pela comissão.

Que dirigente de um partido burguês se submeteria às determinações de uma comissão de dirigidos?

Prestes era o dirigente maximo e tinha fortes razões para sugerir alterações no programa. Mas "tinha sido constituída uma comissão" para isso. A comissão dirigiu os festejos e como tal tinha responsabilidade. E disciplinadamente, como qualquer outro militante — pois é assim que se consideram os dirigentes comunistas — acatou o que estava traçado.

Mostro qual deve ser a conduta de um verdadeiro comunista, aquele que está integrado, na disciplina do Partido: não criar embaraços às diretivas traçadas, confiar no organismo ou companheiro encarregado de uma tarefa, ajudando-o para que a tarefa seja bem cumprida.

VOZ DAS FÁBRICAS

EM SALTO DO ITA, São Paulo, as operárias da "Fábrica Colfee" espancaram o gerente, que lhes respondeu com grosseria a um pedido de aumento de salários e abono de fim de ano. Quando explicavam que o dinheiro por elas percebido não chegava sequer para comprar alimentos, o gerente gritou que "se não pudessem comer macarrão, comessem pimenta com banana". As operárias, indignadas, caíram-lhe em cima com sapatos e tamancos surrindo-o a ponto de ser o "chefe" obrigado a recolher-se ao hospital.

NA FABRICA "ELASTIC", em São Paulo, continua a luta de seus trabalhadores pelo abono de fim de ano. Indignados pelo patrão, que se comprometera a dar o abono, e nas vésperas do Natal apenas distribuiu entre eles folhinhas, os operários dirigem-se quase diariamente ao escritório, em comissões, exigindo da empresa o cumprimento da palavra.

EM SÃO JERONIMO, no Rio Grande do Sul, os mineiros de Butiá e os ferroviários de Jacuí enviaram a Luiz Carlos Prestes uma mensagem conjunta, que foi publicada pela imprensa popular da capital gaúcha. A mensagem expressa a confiança daqueles

trabalhadores em Prestes, "o campeão da luta pela paz nas Américas".

EM SÃO PAULO os trabalhadores da fábrica de chocolate Fatchl, depois de por várias vezes se dirigirem aos patrões reivindicando o aumento de salários, declararam-se agora dispostos a utilizar-se formas de luta mais vigorosas para conquistar essa premente reivindicação.

EM SALVADOR, na fábrica Concelção, os tecelões obrigaram os patrões a pagar mais três dias férias, relativas aos dias em que ficaram parados além do período das férias. A fábrica concederá férias coletivas e ultrapassou o data da reabertura, recusando-se a pagar os dias excedentes, só o fazendo depois do protesto enérgico dos operários.

NA METALÚRGICA PAULISTA, em São Paulo, os trabalhadores da secção de esmaltação entraram em greve rotessando com tra a punição injusta sofrida por um colega que fora agredido e espancado dentro da fábrica por um engenheiro nazista, ex-mercenário do exército polonês e fascista de Anders, auxiliado por policiais. O movimento de solidariedade durou duas horas.

Sobre a Situação no Japão

NOTA DA REDAÇÃO: — O artigo que publicamos a seguir foi publicado no número de 6 de janeiro de 1950, do órgão do Bureau de Informação dos Partidos Comunistas. Este notável documento, cheio de preciosos ensinamentos, alcançou extraordinária repercussão mundial.

DEPOIS DA DERROTA dos planos de conquista dos imperialistas americanos na China e na Coreia, o Departamento de Estado e a clique militar dos Estados Unidos concentraram sua principal atenção sobre o Japão, como base essencial para suas aventuras militares contra a União Soviética e o movimento democrático nos países da Ásia.

Sob falsos pretextos eles procuraram, inicialmente, retardar a conclusão do tratado de paz com o Japão e legalizar, assim, por um longo período a presença do exército americano neste país.

Com a ajuda de seu exército e da reação japonesa, os invasores americanos tentam sufocar todo o movimento democrático, esmagar o Partido Comunista e os sindicatos e se tornar donos absolutos do Japão. Desde logo toda a vida política e econômica do Japão está orientada pelo bando militarista americano. A economia japonesa está inteiramente subordinada aos monopólios dos Estados Unidos e posta a serviço dos planos de agressão do imperialismo americano. Os americanos constroem numerosas bases militares, aéreas e marítimas sobre o território japonês, desenvolvem a indústria de guerra, rearmam o bando militarista nipônico e transformam o país numa praça d'armas para suas aventuras guerreiras.

Numa entrevista com o correspondente do "Daily Mail" de Londres, em 2 de março de

1949, MacArthur declarou claramente que os Estados Unidos consideram, há muito tempo, o Japão como uma nova praça d'armas e realizam grande trabalho para este fim. "Na Ilha de Okinawa, declarou ele, fiz construir 25 aeródromos capazes de assegurar 3.500 decolagens diárias dos mais possantes bombardeiros... Agora, o Oceano Pacífico tornou-se um lago anglo-saxão".

Assim, a situação política e econômica do Japão está inteiramente determinada pela política agressiva dos Estados Unidos e pelas medidas das autoridades americanas de ocupação decorrentes desta política.

Prosseguindo numa política que visa fazer renascer o imperialismo japonês e militarizar o país, as autoridades americanas no Japão, com a ajuda da reação japonesa, atacam incessantemente os interesses dos trabalhadores, esmagam as organizações democráticas, traçam largamente a infiltração de espões e provocadores nos sindicatos e nas organizações do Partido Comunista.

Depois de se terem apoderado dos principais monopólios japoneses os capitalistas americanos, o caráter colonizador e da economia japonesa. Os capitalistas japoneses não ficam muito atrás. Perto de 40% dos créditos cimentários de 1949 estão destinados a subvencionar os grandes monopólios, enquanto os pequenos que incluem este grupo de capitalistas japoneses não atingem a mais

de 3,6% das receitas orçamentárias e os impostos que recaem sobre o povo se elevam a 73%. Assim, os trabalhadores do Japão se encontram sob dupla exploração e, qualquer que seja a tecnologia com que se cubram os imperialistas americanos, o caráter colonizador e militarista de suas ações no Japão evidente.

A revista americana "Pacific News Week" indicou abertamente que o principal objetivo de novo plano dos Estados Unidos é "transformar o Japão num bastião anti-soviético militar e industrial". O jornal japonês "Mainitsy Shimboun" constatou igualmente, com satisfação, que "agora, o Japão se encontra na primeira linha na luta contra o comunismo".

Ainda que a política americana no Japão esteja em plena contradição com as decisões de Potsdam sobre a democratização e a desmilitarização do Japão e seja uma política de siva geral contra os direitos econômicos e políticos do povo japonês, o governo japonês sustenta inteiramente os planos americanos de colonização. Consequentemente, o rearmamento do Japão militarista e o sufocamento do movimento democrático tornaram-se, há muito tempo, o objetivo e o fundamento comuns do bloco de reacionários japoneses e imperialistas americanos.

Ao lado deste objetivo comum, cada um dos parceiros do bloco tenta realizar, também, seus próprios planos. A reação japonesa utiliza o interesse que os Estados Unidos têm pelo Japão na qualidade de aliado, para consolidar sua influência política no país, e os imperialistas americanos utilizam as reações japoneses como instrumento para esmagar mais facil-

mente as organizações democráticas e estabelecer completamente a sua dominação política e econômica sobre o Japão, transformar o país em praça d'armas para aventuras guerreiras e o povo japonês em carne para canhão.

Nestas condições, é necessário que os trabalhadores do Japão tenham um programa de ação claro.

As organizações do Partido Comunista, os sindicatos e as forças democráticas do país devem reunir os trabalhadores, denunciar quotidianamente os planos de colonização dos imperialistas estrangeiros no Japão e o papel anti-popular de tração da reação japonesa. Devem lutar energicamente pela independência do Japão, pela criação de um Japão democrático e pacífico, pela conclusão sem tardança de um tratado de paz justo, pela rápida retirada das tropas americanas do Japão, por uma paz duradoura entre os povos.

Os dirigentes dos trabalhadores e os patriotas populares do Japão devem compreender que o Japão não pode se reerguer e tornar uma grande potência independente sem se afastar do imperialismo e das alianças imperialistas, sem se lançar pelo caminho da democracia e do socialismo, sem que siga uma linha de desenvolvimento pacífico e consolidação da paz entre os povos. Ou o Japão se engajará neste caminho, e isto será uma salvação, ou afundará neste caminho, e então será obrigado a tornar-se um instrumento do imperialismo mundial, privado de liberdade e independência, destinado a vegetar.

Entretanto, como demonstram os fatos, as intervenções de certos militantes do Partido Co-

munista Japonês, não visam realizar com êxito estas tarefas importantes. Eles não seguem este programa e dão uma orientação falsa aos trabalhadores do Japão na complexa situação que se criou no país.

Por exemplo, analisando a situação política interior e exterior do Japão, o conhecido militante do Partido Comunista Japonês, Nosaka (Okano) afirmou que no Japão de após guerra existem as condições necessárias para assegurar a paz, a ordem pacífica ao socialismo, mesmo nas condições do regime de ocupação e que isso seria "uma naturalização do marxismo-leninismo no solo japonês". (Nosaka, Informe à II Conferência do P.C. Japonês, Janeiro de 1947).

No que concerne ao exército de ocupação segundo a opinião de Nosaka, ele não somente não prejudicará os objetivos do Partido Comunista Japonês mas, pelo contrário, cumprindo sua missão, contribuirá para a democratização do Japão.

"A presença de tropas aliadas é destinada a desarmar o Japão e ao mesmo tempo libertar o povo da política totalitária, a tornar o Japão democrático. As tropas aliadas, ocupando o Japão, não têm a intenção de transformar nosso país em colônia".

No entender de Nosaka, o Partido Comunista pode, mesmo nas condições do regime de ocupação, conduzir a classe operária ao poder: "Ganhando a maioria das cadeiras no Parlamento é futuramente possível aos partidos proletários, afirma Nosaka, criarem seu próprio governo e tomar em suas mãos o poder político destruindo o aparelho burocrático e suas forças. Em outros termos, é pos-

MORRE VASIL KOLAROV GRANDE DIRIGENTE BULGARO

A 23 do corrente, morreu em Sofia, na Bulgária, o grande dirigente proletário Vasil Kolárov, um dos principais líderes do Partido Comunista Bulgaro e Presidente do Conselho de Ministros da República Popular da Bulgária.

Kolarov nasceu a 16 de julho de 1879, em Chumen onde seu pai era sapateiro. Depois de terminar seus estudos em Varna, seguiu para a Suíça onde se formou em Direito. Regressou em seguida à Bulgária onde, a partir de 1897, passou a militar no movimento socialista. Em 1907 participou de um importante greve dos ferroviários sendo preso e condenado à prisão.

Desde os primeiros anos de sua atividade revolucionária, Vasil Kolárov se destacou como um militante combativo da libertação da classe operária, participando, como representante dos socialistas bulgaros e do Partido Social-Democrata da Bulgária, em diversos Congressos Internacionais, entre os quais os de Stuttgart e Copenhague.

Quando em 1919 o Partido Social-democrata bulgaro, seguindo as diretrizes da Lênin e Stálin

em favor de uma Internacional livre de todo oportunismo, veio formar na III Internacional, transformou-se em Partido Comunista e Kolárov foi eleito Secretário Geral de seu Comitê Central.

Em 1920, Kolárov foi eleito para a Comissão Executiva da Internacional Comunista. Num momento em que no seu país reinava um terror feroz contra o movimento operário, juntamente com Jorge Dimitrov, Kolárov tentou nesse ano sair da Bulgária, pelo Mar Negro, sendo porém detido pelo governo da Rumania.

Kolarov foi representante da Internacional em diversos congressos de Partidos Comunistas: Alemanha, Itália, Iugoslávia e Rumania.

Retornando à sua pátria para participar da luta de libertação nacional que se travava em 1923, Kolárov foi novamente perseguido pelos fascistas bulgaros, junto com Dimitrov, conseguindo por fim escapar e atingir a União Soviética, onde sua luta jamais cessou para libertar a Bulgária das garras da tirania do rei Bóris, dos fascistas locais e dos

imperialistas alemães.

O nome de Kolárov figura entre os signatários da dissolução da Internacional Comunista, como membro de sua Comissão Executiva.

Kolarov regressou à Bulgária depois da expulsão das tropas hitleristas dos Bálcãs, a 10 de setembro de 1945, quando as forças libertadoras do Exército Vermelho tinham varrido a opressão fascista da Europa Oriental e a segunda guerra mundial chegara ao fim.

As primeiras eleições populares havidas na Bulgária, de libertação, Kolárov foi eleito deputado e escolhido unanimemente presidente da Assembleia Legislativa. Durante a Conferência da Paz chegou a delegação que representou o governo democrático popular da Bulgária, assinando em seu nome o tratado de paz.

Em 1946 foi eleito Presidente Interior da República Popular da Bulgária, cargo que exerceu até 1947, ano em que foi escolhido Vice-Ministro do Exterior do segundo gabinete chefiado por Dimitrov.

Quando Dimitrov, abandonou

o cargo de Primeiro Ministro, por motivo de saúde, partiu para a União Soviética, a fim de internar-se numa clínica, Kolárov o substituiu interinamente e na chefia do Governo, para a qual seria confirmado depois da morte de Dimitrov.

A vida de Kolárov é uma bela tela de fidelidade à causa do proletariado, um exemplo de internacionalismo proletário de amor à grande União Soviética, na qual viu, desde a Revolução Bolchevique, a vanguarda da classe operária mundial na luta pela sua libertação. Fiel companheiro de Jorge Dimitrov, seguiu sempre a linha correta na luta contra os inimigos da Revolução, que é exemplo e julgamento do traidor e espião e servil dos imperialistas anglo-americanos e do bando de Tito, Kostov e seus cúmplices.

A morte de Kolárov é uma perda não só para o proletariado bulgaro, mas também para a classe operária de todos os países, que cultua a memória de um dos que lhe dedicaram a sua luta e a sua vida.

Enxotemos o espionagem

(Conclusão da 1ª página) tra a classe operária e o povo em geral e encadeiam perfeitamente os planos e os propósitos guerreiros dos imperialistas yanques.

Estes fatos indicam, por si só, que as listas de Washington têm pressões contra a União Soviética. Não é por outro motivo que a absoluta submissão dos governos do Continente, que eles consideram "gêmeos" e sua principal reserva de carne para canhão política imperialista de Washington, caráter de preparação guerreirística", bastaria a presença do vocador George F. Kennan para destruir qualquer tentativa de defesa.

Kennan é, na verdade, o agente chinês e como o atestado japonês dos embaixada norte-americanos no Departamento de Estado, a tilidade e provocações contra a União Soviética, já preparava o clima para a terceira guerra mundial, e para a terceira guerra mundial, este odiado representante da burguesia imperialista americana, já preparava o clima para a terceira guerra mundial, e para a terceira guerra mundial, e para a terceira guerra mundial, e para a terceira guerra mundial.

A presença de Kennan em conferências de espões na América, sua viagem de "investigação" para o exterior, nenhuma dúvida que o Street querem a agressão guerra encadear esta agressão valendo-se recursos econômicos e militares dos Estados Unidos.

Neste momento é séria a responsabilidade das massas e a responsabilidade dos povos irmãos do Continente. A camarilha de Dutra tenta

que no futu...
Por via par...
todos democ...
Em junho...
civis nov...
tegrico, no...
de, plenária...
traj do Part...
pudo, que a...
vorno de dem...
industrialism...
condições de...
pelo.
"As tropas...
nada do...
do governo...
Este mo...
prejuízo...
ma...
mesmo...
do tropas...
e Jap...
namento...
na via pa...
hoja desenv...
t...
no projeto...
do Comu...
e public...
ano apare...
sua "Main...
de 194...
afirmado...
maioria do...
vo e Partid...
de desenvol...
e democrati...
cia mais a...
capitalismo...
mo".
O ponto...
de qu...
paço ameri...
temperhar...
gratuito e...
volução pa...
de desenvol...
paço socia...
japões so...
polistas u...
do Japão...
do imperial...
foi de un...
Orate.
A sententi...
de criar un...
va sobre o...
turação".
apenas as...
— saber...
a segunda...
a dominação...
rões imp...
existiria

ULTRAPASSADO O NIVEL DE 1950

Por E. KASIMOVSKI

Conclusão

quer dizer que em cada dia se transportam 115.000 vagões, isto é, 80 vagões por minuto.

Os êxitos da economia socialista soviética permitiram elevar grandemente o bem-estar material dos povos da U.R.S.S.. Aumentou a circulação de mercadorias, fortaleceu-se o rublo e é maior a capacidade aquisitiva da população. Apenas em dois anos — 1948-49 — os trabalhadores soviéticos lucraram 160 bilhões de rublos (um rublo é igual a 5 cruzeiros) graças à diminuição dos preços de mercadorias de vasto consumo.

Desenvolve-se com todo o êxito a construção de casas para morar. Em 3 meses do atual plano quinquenal, foram restauradas ou construídas nas cidades e povoados mais de 61 milhões de metros quadrados de superfície habitável: isto é, mais do que em 15 anos (entre 1923 e 1927, último ano do 2º plano quinquenal). Nos povoados e aldeias, foram restauradas ou construídas mais de 2.000.000 de casas.

Não ocorre o mesmo nos países capitalistas, onde são cada vez mais graves os sintomas de crise econômica em progresso contínua. Nesses países se contam na atualidade nada menos de 40 milhões de sem trabalho totais ou parciais.

Até mesmo segundo dados oficiais, manifestamente diminuídos, o número dos trabalhadores totalmente sem trabalho duplicou nos Estados Unidos entre 1947 e 1948, sendo que os operários que trabalham apenas alguns dias por semana se elevam a 14 milhões. Na realidade, o número é bastante maior.

Somente num ano, de abril de 1948 a março de 1949, segundo dados da ONU, o número de sem-trabalho na França e Austria quase triplicou, na Bélgica e nas zonas ocidentais da Alemanha aumentou 2 e meia vezes e na Dinamarca e Holanda quase duplicou.

Nos países capitalistas, aumenta sem cessar o exercício dos desempregados e continua descendo vertiginosamente o nível de vida das massas populares.

Os êxitos do Estado Socialista Soviético são grandes. Mas os povos do País dos Soviéticos não se contentam com o que já conquistaram; prosseguem a emulação, a competição fraternal para elevar o ritmo de produtividade e cumprir antecipadamente os planos do Estado.

O ascenso da economia nacional soviética e o florescimento da cultura socialista despertam e não de continuar despertando novas energias criadoras, iniciativa e espírito inventivo entre os operários, os fazendeiros coletivos e os intelectuais da URSS.

A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas avança invariavelmente para seu anelado objetivo: para o comunismo.

dos kolkozes da U.R.S.S. aumentaram 20%, e de ovelhas 132% e o de porcos 72 por cento.

O ritmo de desenvolvimento da criação nos países capitalistas permite apreciar melhor o que representam estes aumentos. Depois da primeira guerra mundial, o ritmo mais elevado de crescimento do número de cabeças de gado vacum foi o da Austrália: 2,8% entre 1932 e 1935. O ritmo mais elevado do crescimento dos rebanhos ovinos se observou entre 1924 e 1928 em Nova Zelândia, onde o crescimento numérico anual foi de 3,3%. O ritmo mais elevado do crescimento do número de porcos ocorreu na Alemanha, de 1924 a 1928: de 4,4% por ano.

No país dos Soviéticos estão se realizando trabalhos gigantescos para criar zonas florestais protetoras dos cultivos e para construir açudes e represas nas zonas florestais secas. Já se realizou a plantação de mais de 500.000 hectares de árvores. Para o ano de 1950 foi preparada uma superfície maior ainda.

Desenvolve-se também o transporte no país, aumenta o transporte de cargas em todos os ramos de transporte. Não há muito, o Vice-Ministro das Vias de Comunicação da U.R.S.S. anunciou num discurso pelo rádio que o transporte ferroviário havia alcançado o nível de transporte de cargas previsto para o fim de 1950. Isto

A COLHEITA de cereais em 1949 foi mais abundante do que em 1940, ano anterior à guerra imperialista contra a U.R.S.S.. O aumento da colheita permite que os kolkozes e sovkozos aumentassem a quantidade de cereais entregues ao Estado. Em comparação com 1948, as entregas de trigo experimentaram um aumento de 128 milhões de puds (um pud equivale a pouco mais de 16 quilos). O número de cabeças de gado também é maior. Somente em 1948 o número de cabeças de gado vacum

transformação pacífica do Japão num país socialista — isto é, a naturalização do marxismo-leninismo não é mais do que uma variante japonesa da "teoria" anti-marxista e anti-socialista há muito desmascarada e estranha à classe operária sobre a transformação pacífica da reação em democracia e do imperialismo em socialismo.

A "teoria" de Nosaka é uma teoria que consiste em pintar em cores favoráveis os ocupantes imperialistas do Japão, em cantar suas loucas aventuras americanas e, conseqüentemente, é uma teoria destinada a enganar as massas populares japonesas.

Como se vê, a "teoria" de Nosaka é uma teoria anti-democrática e anti-socialista. Ela é favorável aos ocupantes imperialistas do Japão e aos inimigos da independência do Japão. Por conseguinte, a "teoria" de Nosaka é, ao mesmo tempo, uma teoria anti-patriótica, uma teoria anti-japonesa.

UM OBSERVADOR



HEROIS DO TRABALHO — Desde o fim da guerra patriótica contra o invasor nazista, foram condecorados pelo governo da URSS, entre 1945 e 1949, mais de 510.000 operários trabalhadores das fazendas coletivas (kolkozes), cientistas, engenheiros, médicos, técnicos, empregados, professores e outros trabalhadores, pelos êxitos alcançados na indústria, na agricultura, no transporte, na ciência, na cultura e na arte. No mesmo período, foi concedido o título de «Herói do Trabalho Socialista» a 4.800 trabalhadores da indústria e trabalhadores de vanguarda da agricultura, e o prêmio Stálin foi conferido a 2.540 trabalhadores da ciência, da técnica, da arte e da literatura.

(Conclusão da pag. 16)

no ponto de partida de uma virada radical em nossa linha política, um significativo passo à frente na luta anti-imperialista. É que, de modo preciso e com um grande poder de repercussão, foi ali a ditadura de Dutra, com os seus apêndices parlamentar e judiciário, definida como o principal agente do imperialismo yanque em nossa Pátria. Ficavam, assim, arancadas todas as máscaras. Diante do proletariado e das vastas massas populares, adquiriu o inimigo fundamental — o imperialismo — um caráter tangível, uma identificação visível no seu mais graduado agente "nativo" e em toda a "entourage" inter-partidária, que o apoia. Circunstância essa particularmente importante num país que o imperialismo domina, sem, entretanto, ocupá-lo com as suas tropas e o seu próprio aparelho ad-

ministrativo, embora venha infiltrando numerosos dos seus funcionários nos postos chave das tropas e do aparelho administrativo nacionais. Além disso, a importância histórica do manifesto de janeiro está em que pode mostrar na subserviência do governo de traição nacional de Dutra ao imperialismo, a causa essencial do fechamento do Partido Comunista e da cassação dos mandatos dos seus parlamentares, sem dúvida uma das maiores experiências políticas que já teve o povo brasileiro, uma experiência importantíssima para o seu amadurecimento político. Pode-se afirmar que, nestes dois últimos anos, após o manifesto de janeiro e a virada decisiva na atuação dos comunistas, as massas proletárias e populares politicamente concien-

Uma Nova Etapa . . .

tes lutaram contra o imperialismo numa proporção superior a qualquer dos períodos do passado. A campanha em defesa do petróleo, que até hoje impediu a aprovação do famigerado Estatuto entreguista, as manifestações contra a missão Abhink, sobretudo em São Paulo e Minas, a manifestação contra a missão Demuth na Bahia, a formação, em Pernambuco, de comitês de expulsão dos latifundistas, novamente senhores de uma base militar, a sangrenta luta dos mineiros de Nova Lima contra a St. John del Rey Mining Company, os episódios, no Rio, de resistência ao aumento das tarifas da Light, e, finalmente a grande campanha pela paz, que, em essência, é uma campanha anti-imperialista, tudo isto, ligado ao vasto trabalho de denúncias políticas e de esclarecimento no plano da propaganda, vem demonstrar que se eleva o nível combativo do povo brasileiro, sob a direção dos comunistas na sua condição de patriotas os mais intransigentes.

A luta, entretanto, está longe de ter atingido o seu fim. Com o Estado, o Brasil continua enfileirado no campo imperialista e anti-democrático. Guiado pelo camarada Prestes, lutemos sem tréguas para transformar radicalmente essa situação. É um dever que nos cabe.

no futuro tomar o poder por via parlamentar, pelos métodos democráticos."

Em junho de 1949, Nosaka afirmou novamente, de modo categórico, no seu informe à sessão plenária do Comitê Central do Partido Comunista Japonês, que a criação de um governo de democracia popular é inevitavelmente possível nas condições do regime de ocupação.

As tropas de ocupação serão retiradas do Japão desde que o governo seja criado.

Este modo, Nosaka chegou a prever tais necessidades burguesas, mesmo com a presença das tropas de ocupação americanas, e Japão poderia passar diretamente ao socialismo por via pacífica. Nosaka já havia desenvolvido anteriormente idéias semelhantes. Assim, no projeto de manifesto do Partido Comunista preparado por ele e publicado, e depois num artigo aparecido no jornal burguês "Mainity Shimboun" em maio de 1946, Nosaka havia afirmado: "Apoiando-se na maioria do povo e contando com os esforços do próprio povo o Partido tem a intenção de desenvolver por meios pacíficos e democráticos um sistema social mais aperfeiçoado que o capitalismo, socialista, precisamento".

O ponto de vista de Nosaka, isto é, de que as tropas de ocupação americanas no Japão desempenhariam um papel decisivo e favoreceriam a "revolução pacífica" no caminho do desenvolvimento do Japão para o socialismo, induz o povo japonês ao erro, ajudando os imperialistas estrangeiros a fazer do Japão um apêndice colonial do imperialismo estrangeiro, o foco de uma nova guerra no Oriente.

A tentativa de Nosaka visava criar uma certa teoria "nova" sobre o que ele chama "naturalização" do marxismo-leninismo às condições japonesas — saber, que no Japão, após a segunda guerra mundial, sob a dominação exclusiva das autoridades imperialistas estrangeiras existiriam condições para a

os o espião

(Conclusão da 1ª pag) em geral. Todos estes fatos estão de acordo com os objetivos da guerra

outro lado, que os imperialistas em desencadear a agressão das democracias populares. O motivo que reforça suas exigências de que os Estados Unidos desta parte do mundo sua "retaguarda estratégica" de matérias primas, de vias de comunicação e de energia. Já não denunciasses o caráter dessas "reuniões diplomáticas" do raivoso espião e proferiu a denúncia.

Como já o desmascarou Virgílio de Almeida e funcionários ligados em Moscou, um dos dirigentes do Estado da política de hostilidades contra a União Soviética. Em plena reunião de Wall Street, na qual o chefe da embaixada yanque na Capital parava o clima para a chamada "guerra" que os bandos imperialistas querem inflamar.

Como figura central dessas reuniões na América Latina e sua próxima para o Brasil não deixam de ser os saltadores de Wall Street para já e querem de novo, inclusive, de nossos meios e militares e do sangue de nosso povo

responsabilidade dos patriotas e a responsabilidade de nosso povo e os irmãos do Continente e do mundo inteiro de Dutra pretende transformar o Bra-

ONDE ESTÁ PRESTES?

O POVO BRASILEIRO ainda não é liberto do jugo dos latifundiários, da opressão capitalista e da dominação cada vez mais crescente do imperialismo, lanque, homenageia neste 3 de janeiro a Luiz Carlos Prestes, o maior e o mais consequente lutador anti-fascista brasileiro, que vem dedicando toda sua vida à defesa da classe operária, dos camponeses, da juventude e do povo em geral.

De Norte a Sul, de Leste a Oeste surgirá a pergunta: "onde está Prestes?"

Prestes está nas lutas dos camponeses que se organizam para conseguir melhores condições de vida e a posse da terra. Prestes está dentro de cada fábrica, junto aos operários, nos textos aos metalúrgicos, aos ferroviários, etc. Os operários recebem sua orientação de braços abertos e desencadeiam lutas grevistas vigorosas para conseguir pão, paz e liberdade. Prestes está junto à juventude trabalhadora e está indicando-lhe qual o caminho a seguir, como se organizar para varrer da face da terra os assassinos de jovens, os provocadores de guerra nazifranques.

Prestes está no coração do povo. Vendo em ti, camarada Prestes, o grande chefe revolucionário, a esperança das grandes massas exploradas e oprimidas. O Povo te deseja longos anos de vida.

DOMINGOS SILVA

NOSSO MELHOR PRESENTE AO CAMARADA PRESTES

EM 3 DE JANEIRO, dia de festa para o povo. Completa 62 anos de idade o campeão da paz em nosso país, o melhor amigo do povo brasileiro, Luiz Carlos Prestes.

Muitas felicitações receberá Prestes, de camponeses, de operários, de todo o povo do Brasil que enfrenta a reação, que luta contra a miséria e a fome impostas pelo governo de traição nacional de Dutra. Todo esse povo enviará suas calorosas felicitações ao seu grande li-

LEGORIA A LUÍZ CARLOS PRESTES

Dulce Helena ALVARES PESSOA

3 de Janeiro.

As trevas abrem suas asas tenebrosas sobre a minha terra. Não mais se ouve o chilrear dos pássaros diurnos nem a voz alegre da juventude. Na noite de breu apenas o piar dos mochos, o esvoaçar dos abutres e morcegos, em busca de ti, Cavaleiro, do teu sangue, para te assassinar, pois sabem que tu és esperança, que tu trazes o arrebol! E eles são o passado que já não existe, são um momento do presente que logo passa. Querem te matar, Cavaleiro, porque tu és o futuro; tu és a bandeira do povo, tu és o lema da juventude. Porém eles não conseguirão esse intento, porque tu és eterno, pois tu és luz e o mundo não vive sem luz.

Já despontam no Oriente os primeiros clarões da Aurora. O estridido macabro da coruja anuncia sua retirada para as cavernas tenebrosas. Silêncio! Percebo ao longe, e cada vez mais próximo, o vôo das aves altaneiras, das águias e dos condores para levarem a ti, Cavaleiro, aos cumes das montanhas em glorificação eterna, oh! gigante de minha Pátria!

São Paulo, 3/1/950

VOZ dos LEITORES

Concurso Popular sobre Luiz Carlos Prestes

Defendamos a Liberdade Defendendo Prestes

ARMANDO FRUTUOSO
(artigo premiado)

Lembre-me com perfeita nitidez, que quando Luiz Carlos Prestes saiu da prisão em 1945, um companheiro meu, de trabalho disse-me: "agora sim, com Prestes nos comandando a coisa vai com mais rapidez para a frente!" Esse companheiro refletia o modo de pensar da classe trabalhadora do Brasil. De fato, com Prestes na rua, no meio do povo, nos sindicatos, e à frente do seu Partido os trabalhadores alcançaram novas e grandes vitórias.

Prestes solto significa a classe trabalhadora solta e livre. A prova está em que quando o governo Dutra começou a massacrar a classe operária, a ocupar os sindicatos com força policial, começou também a perseguir Carlos Prestes e seus companheiros. De Partido Dutra tinha resolvido terminar com o breve período de liberdade que desfrutava o nosso povo desde de 1945 e por isso era necessário a reação perseguir o verdadeiro líder e guia do povo e da classe operária:

der e a todos Prestes agracera.

Nós, comunistas, também enviamos nossas congratulações a Prestes. Mas, só estaremos verdadeiramente festejando seu aniversário, se estivermos organizando as lutas do povo e lutando junto às massas em cada Estado, em cada município, no campo e principalmente nas

empresas. Lutando contra a Lei de Segurança, pela Paz, por aumento de salários, pelo pagamento do abono, enfim, por todas as reivindicações de nosso povo. Neste sentido, tem particular importância nossa luta contra o processo imperialista e fascista contra Prestes, principalmente agora que os bandidos do governo Dutra começam a vivê-lo. Respondamos, pois, a este processo fascista desencadeando lutas em todos os setores da população, ficando sempre junto e à frente das massas, afim de jogarmos no lixo a canibalha de traição que persegue Prestes e conquistarmos um governo popular e democrático.

Sómente assim defenderemos e homenagearemos nosso querido líder.

ANTONIO BRITO LOPES
(Santos — E. de São Paulo)

PRESTES, O SOL QUE ILUMINA O BRASIL E O CONTINENTE

EM NOME do proletariado e do povo de Uruguai, que igualmente combatem na mesma frente de luta contra os incendiários de guerra, imperialistas americanos e seus aliados nacionais, protestamos contra a emboscada da polícia comunista, desferida contra os líderes do povo e do proletariado argentino, quando comemoravam o Trigesimo Segundo Aniversário da Revolução Socialista. Transmitimos a nossa calorosa

liberdade de nossa classe e de nosso povo, defendendo a liberdade e a vida do Cavaleiro da Esperança, Luiz Carlos Prestes!

Defendamos Prestes lutando pela Paz, contra a Lei de Segurança lutando pelas liberdades públicas, por melhores salários, pela liberdade sindical, lutando pela volta ao Parlamento dos legítimos representantes do povo e contra o imperialismo americano. Isto é, defender Prestes e seus companheiros!

Todos unidos, derrotemos o processo-farsa que ameaça o nosso líder e seus fieis companheiros de luta. Esta é o melhor presente de aniversário que podemos oferecer a Luiz Carlos Prestes!

Viva 3 de janeiro de 1950! Viva Luiz Carlos Prestes, líder amado do povo e dos trabalhadores do Brasil e da América Latina!

Armando Teixeira Frutuoso — Trabalhador da Light.

rosa solidariedade aos líderes do proletariado e do povo argentino: Codovilla, José Real, Alcira de la Peña, Victor Larralde e aos demais patriotas brutalmente agredidos e presos pela polícia fascista de Peron. Tudo pela imediata libertação de todos os presos políticos! Tudo pela Paz e contra a guerra imperialista!
Viva a Liberdade!
Viva a União dos Povos Americanos!
Uruguai, 5 de dezembro de 1949. (Seguem-se 47 assinaturas)

A ARISTEU MAGALHÃES

Aristeu:

Jamais deixaremos de sentir a realidade dos fatos, principalmente quando eles tocam em cheio no nosso sentimento de humanidade. Os nossos corações estão comovidos com o bárbaro e covarde assassinio de Zélia e seu querido filho! Mas nós sabemos considerar o valor de suas vidas. Até o mais insensível se revolta ante crime tão brutal.

Os protestos são unânimes e vêm de toda as camadas sociais e de todos os rincões de nossa pátria, desde o católico ao materialista, do soldado ao lavrador, do operário ao simples e digno cidadão: todos demonstram a sua indignação contra os atos desses beaguns — oráculos — mais bogais e covardes chefes norte-americanos integrados no governo laical de Dutra e, aqui, de Ad-

mar de Barros. Mas não são todos, senhores assassinos, que CADA PATRIOTA QUE MORRER ESMAGADO PELAS GARRAS DO CAPITALISMO CRIAS CENTENAS DE NOVOS PATRIOTAS NO CORAÇÃO DO Povo!

E eu, brasileiro, filho de São Judá (Minas Gerais), comita a mesma dor que todos os brasileiros democratas estão sentindo, inspire-me a palavra e respeitoamente no digno e glorioso nome da mulher e heróica brasileira Zélia Magalhães para compor um poema, "CLAMOR — JUSTIÇA", que eu envio por intermédio da VOZ OPERÁRIA.

(a) JOSÉ DE SOUZA OLIVEIRA, São Paulo, 24-11-49.

FOME E MISÉRIA EM MACEIO

Uma criança de 12 ou 13 anos presumivelmente dirigiu-se a um freguês da loja Tico, Teima, em Maceió, mostrou uma chapa de carregador licenciada para 1949 e pediu uma pequena quantia para completar o dinheiro necessário para revelar a sua licença para o corrente ano. Disse que lutava com dificuldade para ganhar a vida e tinha sua mãe paralisada.

"Sou filho único — acrescentou — e tenho que comprar frete para garantir alimento para minha mãe. A roupa que tenho é só esta rasgada e suja; tenho medo que os fiscais me prendam porque não tenho o dinheiro para tirar outra licença. Mas, já ainda não ganhei um tostão sequer. Quando ganho dinheiro, isto é, de 6 ou três cruzeiros, isso dá apenas para comprar pão e feijão; as vezes não chega para comprar farinha. Quando isto acontece, raspo os ossos e bebo o caldo. E minha mãe está muito triste, além de doente, pois disse que está cansada de ver essas coisas".

Ouvindo esta história recuevi imediatamente escrever esta carta e denunciar tal situação pelas páginas desta valente VOZ OPERÁRIA, para que sirva para mostrar ao nosso povo a necessidade urgente que temos todos os patriotas de intensificarmos nossas lutas pela Paz, pela Liberdade e pela Independência Nacional, antes que não de liquidarmos de vez com esse estado de fome e de miséria que assola a milhões de brasileiros.

CICERO ALVES DE SAUTANA — Maceió, 13.1.50.

o Socialismo e a Guerra
V. I. LENIN
INDISPENSÁVEL PARA A LUTA PELA PAZ
2,00
editorial VITÓRIA Ltda
RUA DO CARMO 6 13º ANDAR

"Problemas"

(Conclusão de 2.ª pag.)

Mas, para livrar nosso povo do perigo da guerra precisamos por abaixo a ditadura de Dutra, ditadura dos latifundiários e capitalistas agentes do imperialismo. A substituição da atual ditadura por um governo efetivamente democrático e popular, é a única maneira de livrarmos nosso povo do jugo imperialista. Trata-se, portanto, de prosseguir com firmeza a luta contra a ditadura policial e terrorista de Dutra, por um governo democrático popular, que liquide as bases econômicas da reação no país, entregando a terra gratuitamente aos camponeses trabalhadores, nacionalizando os bancos, os serviços públicos, o comércio externo e as grandes empresas de caráter monopolista.

Para realizar esta tarefa histórica, os patriotas e democratas precisam organizar e unir suas forças numa ampla Frente Unica Democrática e de Libertação Nacional com profundas raízes nas fábricas e nas fazendas nas escolas e nas repartições públicas, em todos os locais de trabalho, nos bairros das grandes cidades e nas aldeias e povoados. Nesta ampla frente devem estar unidos todos os patriotas e democratas, acima de quaisquer diferenças políticas ou religiosas, porque só

União para impor a vontade do povo

sejam unidos e organizados, poderão impor a vontade do povo, substituir a ditadura de Dutra por um governo democrático-popular e realizar a tarefa histórica de libertar nosso povo do jugo imperialista.

RESPONSABILIDADES DOS COMUNISTAS

Aos comunistas cabe, naturalmente, o papel de vanguarda nesta luta. E eles saberão cumprir seu dever, sejam quais forem as circunstâncias. Nestes dois anos de lutas e demonstrações — o sangue dos comunistas já correu muitas vezes em todo o Brasil, mas a bandeira que levantamos continua firme na mão da classe operária, cada dia mais consciente de seu papel de vanguarda na luta do povo pela paz e pela emancipação nacional.

Nas condições atuais, o essencial é lutar, não capitular diante das dificuldades, partir das lutas mais elementares e não temer que elas se desenvolvam e levem aos combates parciais. Mas não devemos esquecer que uma das debilidades verificadas nestes dois últimos anos de lutas tem sido a de não termos sabido organizar sufi-

cientemente mesmo as grandes massas que já foram a luta. Não avançamos com mais unidade e mais rapidamente precisamos ainda, mais do que nunca, da organização das grandes massas. Se bem que para isso necessitemos partir da luta pelas reivindicações mais imediatas e mais sentidas das massas é preciso, entretanto, compreendermos que estas lutas só terão consequência e amplas perspectivas se estiverem intimamente ligadas à luta pela paz e pela independência nacional, contra a ditadura de Dutra e o imperialismo americano. Pela união das grandes massas e de todos os partidos da Paz podemos não só tornar impossível, como também derrotar todos os monstruosos planos contra o nosso povo arquitetados pela ditadura de Dutra e os provocadores de guerra.

Na luta pela paz e a independência nacional significa também saber intervir ativamente no caso de choques violentos entre os bandos das classes dominantes para derrotá-los e impor a vontade do povo, defende-

ndo reivindicações econômicas e políticas e influir na composição do governo, para mais facilmente chegar, com a força das massas, ao governo democrático-popular, único capaz de libertar o país do jugo imperialista.

Isto significa que devemos saber aproveitar em cada momento as menores divergências ou contradições entre as forças das classes dominantes, divergências e contradições que tendem a surgir e aumentar em consequência da difícil situação econômica do país, da dominação cada vez maior do imperialismo yanque, das lutas e da radicalização crescentes das massas trabalhadoras e da impopularidade do governo e traição nacional de Dutra. Elas também se manifestam, em certa medida, diante do problema da sucessão, onde vem se estabelecendo disputas entre grupos políticos, corridas pela posse de cargos e posições na máquina administrativa, a fim de conquistarem vantagens de ordem política e econômica. Neste caso, isto é, da sucessão, devemos saber também aproveitar as menores contradições entre os vários grupos políticos para ampliar a luta pela Paz e a independência nacional, contra a ditadura de Dutra e o imperialismo americano, por uma terra paz e liberdade. Mas, tudo isto com a compreensão profunda de que o curso da situação política brasileira só será decidido pelas lutas mais altas e mais vigorosas das grandes massas dirigidas pelo proletariado, sob a firme liderança dos comunistas.

AS PALAVRAS DE ORDEM DO MANIFESTO

Neste segundo aniversário do Manifesto de Janeiro é preciso que todos os democratas e patriotas sigam com mais energia e audácia as justas orientações de Luiz Carlos Prestes na luta pelo pão, a terra, paz e liberdade.

Que a classe operária organize suas forças nos locais de trabalho e se unifique em âmbito local, regional e nacional, lutando contra a carestia da vida, por maiores salários, por melhores condições de trabalho, defendendo na prática o direito de greve, lutando concretamente pela paz e as liberdades, por liberdade sindical e pela legalidade de seu Partido político de classe — O Partido Comunista do Brasil.

Que as massas do campo — assalariados, peões, meeiros, parceiros, colonos, arrendatários — se organizem nas fazendas e nas aldeias, lutando por seus interesses econômicos, por maiores salários, por uma taxa menor de arrendamento da terra, pelo pagamento do salário em dinheiro e quinze-

malmente, roupas e vale e os preços esmagados do armazém ou do barracão. Que lutem contra a guerra imperialista em defesa da paz e pela posse da terra, por um governo democrático-popular que lhes ajude a tornar a terra dos latifundiários e a distribuí-la sem indenização entre os trabalhadores do campo.

Que todos os patriotas e democratas, homens e mulheres, jovens e velhos se unam para lutar contra as leis de exceção, contra a ditadura de Dutra, contra a entrega do país aos monopolistas anglo-americanos.

Na independência do Brasil, organizando todos em comissões de defesa da Paz comissões de luta pelas liberdades, nos mais diversos tipos de associações e em associações específicas de mulheres e de jovens, duas camadas da população que sempre tiveram atuação destacada nas lutas de nosso povo. Defendamos com mais audácia as riquezas naturais de nossa Pátria, não permitindo que os traídores do governo Dutra continuem a entregá-las aos monopolistas anglo-americanos, não permitindo que seja exportada para os E. U. uma única tonelada de manganês, de tório, enfim, de nossos minérios que os imperialistas yanques estão utilizando para fabricar armas e munições para escravizar os povos e o nosso próprio povo.

Exijamos que os soldados yanques e todas as missões militares do imperialismo abandonem sem demora maior e nosso território. Libertemos as forças armadas do país da tutela e do comando dos generais yanques. Mostremos aos soldados que os operários e camponeses são seus irmãos e que, por isso, não devem se prestar a instrumento de um governo de traição nacional que os manda atirar contra o povo por poder mais facilmente entregar o Brasil aos imperialistas.

É este o caminho indicado pelo Manifesto de Janeiro pelo qual têm de seguir com acrescida combatividade todos os que desejam um Brasil livre e progressista. Ou atingiremos rapidamente a conquista de um governo democrático-popular, ao qual nos leva este caminho de lutas, ou veremos nossa Pátria reduzida à condição de colônia yanque e habere militar para as aventuras guerreiras do imperialismo. Nossa condição de patriotas e o nosso orgulho de brasileiros exigem que não poupemos esforços nem sacrifícios na luta contra a tirania de Dutra e pela libertação de nossa Pátria. Não os poupemos — não nos falta a certeza de que por mais árduas e difíceis que sejam as lutas conquistaremos finalmente a vitória.

Leia "Problemas"

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável:
Waldyr Duarte
Redação e Administração:
AV RIO BRANCO 287
17.º and - Salas 1713-1714

ASSINATURAS:
Anual Cr\$ 30,00
Semestral Cr\$ 15,00
Número avulso Cr\$ 1,00
Atrasado Cr\$ 1,00
Rio de Janeiro, Brasil

Rio, 28-1-50 — VOZ OPERÁRIA — Pag. 11

Resposta a um leitor

(Conclusão de 2.ª pag.)

ra dos grandiosos acontecimentos de nosso tempo, a altura dos triunfos, heroísmos e sacrifícios da grande massa trabalhadora e dos avanços do socialismo no mundo.

Discordo, por exemplo, de sua afirmativa, companheiro Hochman, de que escrevo artigos de ciência marxista. Ora, sou um estudante do marxismo ainda nas primeiras letras. Meus escritos são simples trabalhos jornalísticos do dia a dia, algumas paginas de emoção e romance. Nada que seja trabalho de conteúdo marxista ou à altura dos princípios fundamentais do marxismo. O máximo que pode haver neles é o meu esforço de ser fiel aos objetivos fixados pela ciência marxista. Nos meus romances, por exemplo, quanta distancia entre o que eles são e o que deveriam ser em função de nossa arte de vanguarda! E isto é a tal ponto gritante que estou me esforçando para estabelecer novos planos literários, dar um melhor caminho ao meu romance. Não quero ser romancista do povo ou de vanguarda apenas em palavras.

A ciência marxista, presentemente, em nosso país, só pode ser aplicada ainda por aqueles que se acham com responsabilidades dirigentes no movimento comunista. Aqueles que, na prática, na experiencia, no contacto com pesadas e difíceis tarefas revolucionárias manejam a teoria em plena ação, em pleno fogo. Isto é verdade, meu amigo. Por isso tenho que indicar como o nosso guia na ciência marxista o camarada Prestes ao lado de seus companheiros mais responsáveis. O que posso falar de ciência marxista é por efeito de aprendizagem ou assimilação muito elementar e porque recebo daqueles dirigentes lições, conselhos e exemplos que, na medida de meu esforço, procuro transmitir em linguagem simples e emotiva para o povo.

Bem sei que há milhares de leitores, como você diz, que confiam em nós e nos admiram. Estamos de acordo quando você afirma que nada faríamos de bom e de belo se não escrevessemos para o povo. Estamos orgulhosos ao saber que somos fieis à classe operária, à nossa Pátria contra o imperialismo e com um crescente amor à União Soviética, que dirige o campo socialista e democrático na defesa da paz e na batalha final contra o velho e caduco sistema capitalista. Não procuramos diminuir o mérito de nosso

trabalho e consideramos uma gloria a nossa posição combatente. Está em nossas mãos o legado de Gregorio de Matos, dos intelectuais da Inconfidência e da Independência, de Castro Alves, dos intelectuais da Abolição e da Republica. Mas necessitamos ainda transformarmos em verdadeiros escritores da classe operária. Nosso pensamento e ação devem ser a ação e o pensamento da classe operária. Para isso é que os escritores de vanguarda no Brasil devem trabalhar sinceramente, modestamente, embora seja demorada essa transformação, embora a muitos de nós possa custar tanto. Essa mudança nos rejuvenesce e nos torna dignos de nosso tempo e da herança revolucionária que as lutas do passado nos transmitem.

Temos que fazer de nossa atividade jornalística e da nossa atividade literaria uma só atividade, em dois setores de trabalho, a serviço unicamente do proletariado e dos camponeses, a serviço da revolução brasileira. Não quero ouvir mais um companheiro me dizer: gosto muito de seus artigos e reportagens mas confesso que não entendi "Marajó". Se o companheiro não entendeu "Marajó" e entendeu meus artigos jornalísticos é que algo está errado na composição do meu romance e sobretudo no seu conteúdo. Logo minha literatura é uma coisa e o meu jornalismo é outra. Escrevo ainda romances para a pequena burguesia, para os intelectuais enquanto escrevo artigos, crônicas e reportagens para o povo. Está certo isso? Dai a necessidade de dirigir as duas atividades para um fim só, para os mesmos leitores e, neste caso, os leitores que prefiro são os que lêem os meus artigos, os leitores da "Imprensa Popular", de "Problemas", da "Voz Operária", os trabalhadores e os camponeses. Só assim poderemos dar um valor permanente às nossas obras. Estamos por ora nos primeiros dez metros do novo e longo caminho e capengando ainda. Precisamos seguir a poderosa locomotiva proletária que avança rapidamente sobre o presente e o futuro, atirando para a margem os ferris velhos e varrendo as ultimas sombras da escuridão capitalista. A locomotiva não nos espera. Devemos correr muito.

E o nosso colégio nessa marcha depende também da critica, do estímulo, da ajuda de nossos leitores.

(Conclusão de 1.ª parte)

dos mandatos dos parlamentares comunistas, se de um lado constituíram um poderoso golpe na reação e do imperialismo contra a democracia, por outro, serviram para nos alertar dos graves perigos que nos ameaçavam e permitiram-nos em seguir a antiga linha política.

Assim, precisamente, essa ofensiva da reação, conforme assinala o camarada Prestes em seu trabalho de maio do ano passado, que nos levou "ao exame mais aprofundado das causas de nossas derrotas, à investigação severa do que havia de falso e errado em nossa orientação política e em toda a atividade prática de nosso Partido". Desse exame crítico e auto-crítico resultou o início da viragem em nossa atividade política, com o lançamento do "Manifesto de Janeiro", que nos conduziu ao justo caminho da luta revolucionária.

Desde o lançamento desse histórico documento, as forças democráticas no país entraram em um novo período de ação, marcado por intensas lutas, tanto no que se refere ao desmascaramento dos fatores de guerra e ao combate à dominação imperialista, quanto à luta pela conquista da democracia e em defesa das reivindicações mais sentidas das massas trabalhadoras. Foram dois anos de lutas da classe operária, dos camponeses, dos estudantes e de outras camadas da população, lutas que influíram decisivamente no desenvolvimento da situação política nacional, reforçando internamente as forças do campo democrático e anti-imperialista. O proletariado lançou-se audaciosamente à luta, realizando memoráveis greves por suas reivindicações econômicas e políticas, cumprindo, sempre que nos colocávamos à sua frente, a palavra de ordem do chefe do proletariado brasileiro, o camarada Prestes. Os mais importantes setores da classe operária — ferroviários, mineiros, tecelões, metalúrgicos — lideraram esses movimentos grevistas, que serviram de exemplo às massas não proletárias, como os camponeses, os marinheiros, os estudantes, que recorreram também à greve e a outras formas de luta para defender seus direitos e conquistar suas reivindicações.

Essas lutas, apesar de não corresponderem, em número e em nível, à combatividade das massas trabalhadoras e às necessidades de nosso povo na sua luta pela paz, contra o imperialismo e pela conquista da democracia, atingiram, já em 1949, formas mais elevadas, abrangendo setores profissionais inteiros, como foi a greve dos técnicos do Estado do Rio no ano passado.

Essas lutas evidenciam que após o "Manifesto de

Janeiro" a classe operária começou efetivamente a desempenhar o seu papel de dirigente da luta pela emancipação nacional de nosso povo e de líder das forças de oposição ao governo de traição nacional de Dutra cada vez mais desmoralizado e impopular.

Nesses dois anos, as massas trabalhadoras, através da própria experiência, foram compreendendo o caráter de traição nacional da ditadura de Dutra. Por isso reforça-se no país a luta contra a ditadura de Dutra que oprime e escraviza o país a serviço dos trustes e monopólios norte-americanos, luta essa que se funde com a luta pela paz, contra o imperialismo ianque e pela liberdade.

Na verdade, o governo de traição nacional de Dutra jamais representou os interesses nacionais, mas sim os dos senhores do capital monopolista dos Estados Unidos, cujos interesses no país se entrelaçam com os da grande burguesia e dos latifundiários, que se passaram totalmente para o campo do imperialismo. A ditadura de Dutra não constitui um governo brasileiro, mas um governo americano, que, a par da política de escravização total do Brasil aos imperialistas norte-americanos, realiza uma política de desencadeamento de guerra, de fome e terror contra as massas trabalhadoras. As palavras escritas há dois anos por Prestes, em nome dos comunistas, de que "estamos em face de um governo de traição nacional que, a serviço do imperialismo norte-americano, esfomeia nosso povo, liquida com a indústria nacional, impede o progresso do país e entrega a nação à exploração total dos grandes bancos, trustes e monopólios norte-americanos"

são cada vez mais confirmadas pelos fatos. Aumentam no país, a lado do crescimento da exploração e da miséria das massas, a sombra do sinistro governo de traição nacional de Dutra, e sob sua proteção, os mais vergonhosos escândalos e as mais escusas negociações com os dinheiros do povo, enquanto o imperialismo ianque, com a connivência criminosa da ditadura e das classes dominantes, finca duramente suas garras no país para assegurar o domínio sobre o nosso povo e transformá-lo em carne de canhão numa nova aventura guerreira contra os povos livres da União Soviética e das nações da Nova Democracia.

Em virtude dessa política anti-nacional da ditadura, encontra-se a nação a caminho da mais completa catástrofe, sofrendo atualmente o povo brasileiro as consequências dessa criminosa política, a ponto do conhecido jornal policial, porta-voz da embaixada

Um acontecimento histórico na luta...

MAURICIO GRABOIS

norte-americana, e portanto insuspeito de qualquer oposição à ditadura. "O Globo", defendendo uma política de maior fome, contra a concessão do abono de Natal, ser obrigado, diante da evidencia dos fatos, a declarar:

"E o resultado — repetimos — é o que aí está: greve na Central do Brasil, descontentamento generalizado inclusive nas classes armadas — enquanto o Rio permanece povoado de "favelas", o povo não tem onde instruir-se e quase já não tem o que comer".

Assim um dos órgãos de publicidade da reação é obrigado a reconhecer a situação de miséria das massas, embora o faça com objetivos demagógicos para iludir essas mesmas massas e melhor ajudar a ditadura de Dutra a aplicar sua política reacionária, anti-patriótica e contra os interesses do povo.

O mesmo fato se dá com o não menos reacionário "Correio da Manhã" que, em face da total falência da política financeira da ditadura e procurando do mesmo modo que "O Globo" iludir as massas, apresentando uma atitude de "oposição", quando na prática tem apoiado a ditadura em todas as medidas anti-democráticas e de entrega do país ao imperialismo ianque, proclama:

"Deficit orçamentário, deficit no comércio exterior, deficit na balança de pagamentos, deficit nos orçamentos privados, deficit por toda a parte e por toda a parte a mesma inércia".

É evidente que diante das terríveis condições em que vivem as massas trabalhadoras e da difícil situação econômica e financeira que o país atravessa, as classes dominantes, que não querem nem podem apresentar uma justa solução para os problemas brasileiros, arrastam a nação para o caos, ao aniquilamento físico de nosso povo e à total eliminação da soberania nacional. Contra esse estado de coisas o camarada Prestes, em seu memorável manifesto, apresentava o único caminho que se abre perante o povo brasileiro para se libertar do jugo imperialista, do atraso, da exploração, da fome e da miséria: "derrubar a ditadura e iniciar no país uma nova política democrática e progressista e de luta efetiva pela independência nacional".

A solução indicada pelo camarada Prestes há 2 anos tem ainda a máxima oportunidade nos dias de hoje, pois somente pelo caminho da luta revolucionária é que poderemos resolver os grandes problemas nacionais. Nesse sentido, grande é o mérito do "Manifesto de Janeiro", uma vez que nesse histórico documento ficou claramente delineado que o único caminho para a conquista de nossa emancipação nacional é o da luta revolucionária.

"O Manifesto de Janeiro" assessorou, assim, o mais profundo golpe nas ilusões reformistas que nos levavam a acreditar erroneamente ser possível realizar as tarefas da Revolução Brasileira através de uma via pacífica, sem lutas duras e difíceis isto é, por via constitucional ou eleitoral.

Embora no período transcorrido desde a publicação do "Manifesto de Janeiro" ainda pesa sobre nós a grande carga de erros oportunistas cometidos, as lutas desencadeadas nestes dois anos tiveram sem dúvida essa perspectiva revolucionária. Elas deram às amplas massas trabalhadoras confiança nas próprias forças educando-as no espírito revolucionário, contribuindo grandemente para tirar-lhes as ilusões nos homens e nas leis das classes dominantes, fazendo surgir do seio das massas heróis de nova tempera, frutos da combatividade do proletariado brasileiro, como Marmo, Gedol, Calado, Zelia e tantos outros combatentes proletários tombados valentemente em defesa da paz, da liberdade e contra o imperialismo ianque.

A perspectiva revolucionária que nos foi aberta com o "Manifesto de Janeiro" deve estar sempre presente em nossa atividade para não nos deixarmos arrastar por quaisquer ilusões reformistas principalmente agora, quando a reação faz tanta agitação em torno da sucessão presidencial, procurando iludir as massas, acenando-lhes com as eleições como solução para seus problemas. Devemos ter sempre presente que o curso dos acontecimentos políticos no país, que se desenvolvem dentro da divisão do mundo em dois campos, será decidido fundamentalmente pelo proletariado, com os comunistas à frente, através de uma ampla mobilização de massas, das lutas parciais em torno das reivindicações políticas e econômicas do povo brasileiro sem deixar, no entanto, de utilizar no momento oportuno, com independência, em favor da luta revolucionária do nosso povo, as condições favoráveis que possam surgir das divergências entre as classes dominantes em face da sucessão presidencial ou de outros problemas.

A atividade política da classe operária, depois da mudança da linha política, tem tido grande influência no desenvolvimento da situação política no país, desfechando golpes na reação e no imperialismo. Já não é tão fácil como antes as forças do campo anti-democrático e imperialista prosseguir em sua ofensiva reacionária. A luta em defesa da paz se desenvolve e se estende por todo o país e não pode ser esmagada, apesar da violência empregada pela ditadura contra os partidários da paz e da intensa campanha ideológica em favor da guerra realizada através da imprensa burguesa, do rádio e pela alta hierarquia católica; o estatuto entreguista do petróleo, apesar dos esforços da propaganda da Standard e seus agentes, não foi aprovado em virtude da mobilização de massas em defesa das riquezas nacionais; o infame projeto de Lei de Segurança vem encontrando a maior repulsa por parte dos mais amplos setores de nosso povo através de expressivas manifestações; cresce no país o ódio ao imperialismo e aos seus agentes e espíritos que se encontram infiltrados na máquina governamental, principalmente nos ministérios militares, as grandes massas demonstram sua admiração pela União Soviética, como ficou evidenciado nas suas manifestações de carinho e afeto ao

grande Stalin, por motivo de seu septuagésimo aniversário; as massas trabalhadoras lançaram apoio da repressão policial, às greves por suas reivindicações, e, em todas as oportunidades, o povo brasileiro pateta o seu descontentamento com o governo de traição nacional de Dutra.

Por isso a reação e o imperialismo procuram mudar de tática. Sem renunciar à utilização do terror contra os movimentos de massas e contra as organizações de massa, o governo de traição nacional de Dutra procura utilizar também a mais cinica demagogia, tentando aparecer como defensor da "legalidade", mandando formal e clinicamente abrir inquéritos para apurar crimes por sua ordem cometidos pela polícia, apresentando-se como vítima das "conspirações" dos comunistas, como fez Jesuíticamente o Senhores Adroaldo Costa, no seu discurso na Câmara dos Deputados. E como toda esta tática se torna inocua para impedir o crescimento da luta de nosso povo pela paz, contra o imperialismo e pela liberdade, a ditadura forja agora, assessorada pelo Departamento de Estado norte-americano, um novo "Plano Cohen" para lançar o país no mais negro terror, tendo em vista, fundamentalmente, arrastar o Brasil para a guerra que os imperialistas anglo-americanos criminosamente preparam.

No entanto, a reação será mais uma vez derrotada em seus sinistros desígnios de que as massas trabalhadoras, seguindo a orientação política revolucionária estabelecida pelo camarada Prestes em seu manifesto, intensifiquem a sua luta por paz, terra e liberdade. O fundamental na presente situação é mobilizar e organizar as grandes massas e realizar uma luta de fato e não de palavras. Outras são as condições hoje no mundo e em nossa Pátria, diversas daquelas que existiam no período em que o "Manifesto de Janeiro" foi lançado, pois agravou-se intensamente a situação mundial e aumentou a divisão entre as forças dos dois campos em que atualmente se divide o mundo, o que exige de nossa parte ainda mais audácia e combatividade, a fim de transformarmos o nosso país de reserva, que é atualmente, do imperialismo, em reserva das forças da democracia e do socialismo.

Neste segundo aniversário do "Manifesto de Janeiro" devemos nos capacitar do importante papel que os acontecimentos destinam ao povo brasileiro, pois estamos na retaguarda do imperialismo e nossa luta influir bastante para apressar a vitória das forças democráticas no mundo inteiro. Por isso, precisamos multiplicar os nossos esforços na luta contra o nosso principal inimigo, o imperialismo ianque, tendo sempre presente as palavras do nosso grande líder no Manifesto de 28 de Janeiro de 1948:

"Seria uma vergonha e uma humilhação permitir a escravização de nosso povo, seria uma traição aos nossos mortos gloriosos da luta contra o nazismo admitir que os monopólios norte-americanos façam de nossa Pátria base militar para as suas aventuras guerreiras contra os povos livres e o progresso da humanidade".

Vianã
Sobrinho
Campon
Presidente
beleguina
Maduros
Campon
duzindo
e espal
Depo
ram um
polícia e
suas reiv

A C
Fernamb
salariad
tido de
correntes
siderand
os camp
eles não
prepara

Os
Paulo,
Diz o p
mente e
que ass
maneir
dos po
vencos
voura"

Os
Paulo,
dando-
sagem
"Com
disabco

LU

ARR
eFA
TAD
AS
- M
SAS
QUE

Faze
com
ame
per
vour
de l
dos
tan
ren
can
cup
vid
es
tar
flor

es
gir
com
ing
tan
pla

VOZ DOS CAMPOS

Visto impedir a realização do Congresso Camponês, em Recife, Estado de Pernambuco, a polícia do Sr. Barbosa Lima Sobrinho, governador do Estado, invadiu a sede da Liga Camponesa de Ipuanga e a casa do Sr. João Garcia da Silva, presidente da Liga Camponesa de Jaboatão. Seguidamente, os delegados praticaram uma série de violências contra os trabalhadores do campo e prenderam o vice-presidente da Liga Camponesa de Jaboatão, Sr. Manoel Correia da Silva, conduzindo-o até a sede dessa organização, onde remexeram papéis e espalharam documentos.

Depois desses fatos os camponeses de Jaboatão lançaram um Manifesto protestando contra as arbitrariedades da polícia e conclamando os trabalhadores do campo a lutar por suas reivindicações.

A Comissão Organizadora do 1º Congresso Camponês de Pernambuco está se dirigindo, em nome dos camponeses e assalariados agrícolas a todos os democratas do Estado no sentido de ajudarem, financeiramente a custear as despesas decorrentes da preparação e realização daquele conclave, "considerando que os grandes proprietários de terras submetem os camponeses assalariados agrícolas a tão vil exploração que eles não podem sozinho arcar com as despesas decorrentes da preparação do Congresso".

Os camponeses de Alfredo Marcondes, Estado de São Paulo, lançaram violento protesto contra a lei de segurança. Diz o protesto: "Nós, abaixo assinados, protestamos energicamente contra essa infame "lei de segurança". Os camponeses que assinam este protesto estão dispostos a lutar de qualquer maneira contra a grande exploração que existe contra a bolsa dos pobres, devido ao miserável cambio negro de algodão, venenos e demais artigos de primeira necessidade para a lavoura".

Os camponeses do município de Lins, Estado de São Paulo, enviaram uma mensagem a Luiz Carlos Prestes, saudando-o pela passagem de seu aniversário natalício. Na mensagem os camponeses levantam suas reivindicações e declaram: "Com Prestes à frente, havemos de afastar todos nossos atuais dissabores e construir um mundo melhor".



LUTAM PELA POSSE DA TERRA

ARRENDATARIOS E MEEIROS DA FAZENDA BELA VISTA EM ALTAIR, E. DE S. PAULO, RESISTEM AS ORDENS DO LATIFUNDIARIO - NAO ABANDONAREMOS Nossas LAVOURAS NEM DEIXAREMOS QUE SE PLANTE CAPIM - DECLAREM OS CAMPONESES

OS ARRENDATARIOS e meeiros da Fazenda Bela Vista, de propriedade da companhia imperialista Northern Camps, ameaçados de despejo estão lutando para permanecer nas terras onde têm suas lavouras. A Fazenda Bela Vista é um grande latifúndio de mais de 2.500 alqueires, dos quais apenas 186 são cultivados. Estando prestes a terminar o contrato de arrendamento, os imperialistas estão forçando os arrendatários e meeiros a desocupar suas terras para plantar capim. Devido à falta de chuvas na época do plantio, os arrendatários tiveram de plantar mais tarde e agora é que suas lavouras estão florescendo e não resistem ao capim.

UNIAO DOS CAMPONESES

Notificados da atitude da Companhia dos arrendatários, em numero de 32, dirigiram-se à sede da Fazenda para protestar contra a arbitrariedade, fazendo ver ao inglês que não desocupariam as terras nem tampouco consentiriam que nelas fosse plantado capim.

"O Sr. não come só carne. Também come arroz e somos nós os produtores do

arroz", foram estas as primeiras palavras dos arrendatários ao inglês Mr. Brooks, que procurou recebê-los individualmente. Mas todos entraram de uma só vez, formulando unanimemente suas reivindicações.

O inglês tentou manobrar. Depois do encontro mandou chamar alguns arrendatários que supunha mais vacilantes e lhes ofereceu algumas terras para plantar à beira do Rio Grande. Os arrendatários convocados repeliram a proposta divisionista, dizendo que preferiam lutar unidos com os seus companheiros para ficarem onde se encontram.

A POSSE DA TERRA

Observando a férrea disposição de luta dos arrendatários, o agente da Cia., Mr. Brooks, mandou o administrador oferecer aos arrendatários a quantia de 70 cruzeiros por dia para semear o capim, visando com isto ainda uma vez dividir os camponeses.

Mas nenhum arrendatário lhe aceitou a oferta.

Em Altair, onde se encontra localizada a Fazenda Bela Vista, toda a população está solidária com a luta dos camponeses.

E isso estimula a firmeza dos camponeses, que reforçam sua unidade, e reúnem e discutem coletivamente como prosseguirem na luta. E nesses debates e no desenvolvimento da própria luta os meeiros já começam a levantar reivindicações mais altas, como a posse da terra.

NOSSO MUITO AMADO STALIN

EMILIO MOURA

"Não te incomodes, o velho Stalin vem aí!" Esta frase aparentemente sem expressão, ou de "beira de café" como dirão os intelectuais encartolados, — os tais que vivem fazendo rapapé ao senhores das classes dominantes — tem para as massas oprimidas o mais profundo significado. Ela é ouvida em todas as partes onde os trabalhadores são explorados e oprimidos. Na fábrica, no café, na fazenda, enfim, em todos os locais de trabalho.

Esta frase "o velho Stalin vem aí", fala por si. Expressa um mundo de coisas: Carinho, confiança, esperança. Os trabalhadores, nunca dirão isso de Truman, de Atlee, de Dutra ou Ademar.

Ela traduz o que sente a classe operária por Stalin que encarna a luta pela emancipação de todos os trabalhadores.

Traduz o sentimento de todo um povo que sofre e que vê em Stalin o inimigo impiedoso e irreconciliável dos explorados em todo mundo.

Esta frase indica que o proletariado brasileiro vê no nosso muito amado Stalin o seu guia e comandante supremo.

É notando pelos ensinamentos do grande e querido camarada Stalin que a classe operária do Brasil conduziu as massas trabalhadoras no caminho de sua libertação e pela conquista do socialismo. Nessa luta, que é de agora e não do futuro, enfrentaremos grandes sacrifícios, mas seremos vitoriosos.

Guiados e estimulados pelo grande e maravilhoso exemplo dos 70 anos vividos por Stalin, 55 dos quais dedicados inteiramente

à luta impiedosa pelo aniquilamento total de todas as formas de exploração do homem pelo homem, conseguirão o nosso povo e o proletariado a vitória muito mais rapidamente do que pensam os senhores da burguesia, do imperialismo e da ditadura de Dutra.

Seguindo os ensinamentos do camarada Stalin estamos no bom caminho para derrotar os inimigos dos trabalhadores e libertar nossa Pátria dos "gangsters" imperialistas.



peralistas janques, porque Stalin e o maior discípulo de Lenin, foi seu companheiro mais fiel e se transformou no mestre da teoria e da prática do proletariado mundial na luta contra a exploração capitalista e pela vitória completa do socialismo em todo o mundo.

Graças à luta desenvolvida pelo camarada Stalin contra os oportunistas de "esquerda" e de direita, é que tem sido possível aos Partidos Comunistas do mundo inteiro se tornarem de fato na "vanguarda esclarecida da classe operária". Stalin ensinou ao proletariado de todos os países que para conseguir a vitória é preciso unidade.

Através dela os povos soviéticos construíram a sociedade so-

cialista. A unidade foi o fator que permitiu aos gloriosos povos soviéticos comandados pelo invencível Partido de Lenin e Stalin expulsar de seu território e derrotar em sua própria casa as hordas hitleristas.

São lições como essa que criam de confiança centenas e centenas de milhares de operários que sabem que "o velho Stalin vem aí". É evidente que eles sabem que Stalin não virá comandar pessoalmente a nossa luta. Essa nós mesmos faremos, mas sempre voltados para o seu exemplo e para os seus ensinamentos.

Por isso têm toda a razão o camarada Diogenes Arruda quando pergunta: "Não é verdade que muita gente deseja conhecer a vida de Stalin, e que somos nós que devemos explicá-la?"

Sim, companheiros, para avançarmos mais rapidamente em nossa luta precisamos estudar mais a vida de Stalin. Essa será uma das melhores maneiras de comemorar os preciosos 70 anos do nosso querido e muito amado Stalin. Ao lado das festas, das mensagens, dos telegramas, das alvoradas e de bombas e foguetes, dos presentes, dos balões das edições especiais de jornais da imprensa popular, devemos também estudar intensamente os ensinamentos de Stalin para que os operários que pensam que "o velho Stalin vem aí" saibam concretamente que ele já está entre nós, que ele está sempre presente na alegria e no sofrimento da classe operária e que seus ensinamentos levarão o proletariado de nossa terra, juntamente com os milhões e milhões de explorados brasileiros, formar em torno do seu partido de classe, uma poderosa unidade de pensamento e ação capaz de transformar a nossa Pátria num país onde não há mais oprimidos e opressores.

Não Terminou a Luta. . .

(Conclusão da pag. 16) nos diversos pontos da Estrada pelo recebimento do Abono, levaram naturalmente todos os ferroviários à compreensão de que o êxito de seus combates está sobretudo determinado pelo grau que possuem de unidade e organização.

LIÇÕES A TIRAR

A greve da Central, por outro lado, coloca um exemplo vivo diante da classe operária sobre como lutar pelo recebimento do Abono de Natal, que centenas de empresas ainda não pagaram aos seus trabalhadores; um exemplo vivo de que a luta pelo Abono ainda está na ordem do dia, ainda não terminou e só agora verdadeiramente começou em certos setores.

Mostra o exemplo dos ferroviários da Central, ainda, que no momento em que a ditadura de Dutra ensaia planos tedorristas e provocadores para suprimir de vez os direitos econômicos e sociais da classe operária, inclusive o direito de greve, é passando à ofensiva, recorrendo com vigor crescente às greves, que o proletariado consegue esmagar a pro-

vocação e conquistar seus direitos. Recorrendo à greve, os ferroviários organizaram, na cidade, os intentos da ditadura de colocar fora da lei as greves em geral e, muito particularmente, as greves nas grandes empresas, como estão visadas por exemplo, na famigerada "lei de segurança do Estado".

Mostraram assim os ferroviários da Central como se luta contra as leis de exceção da ditadura de Dutra, as liberdades e pela paz lutando-se ao mesmo tempo contra a política de fome seguida pelos patrões e o governo.



STALIN

O ANIVERSARIO DE STALIN, REFORÇO DA PAZ

Francisco Aires

Os partidários da paz, com os comunistas à frente, também aqui no Brasil prestaram as nossas homenagens fraternais ao generalíssimo Stalin e aos povos soviéticos, reforçando a luta pela paz pelas conquistas das reivindicações das massas operárias e camponesas, contra as leis de opressão, especialmente a famigerada lei de segurança. Enviamos felicitações a Stalin, realizamos pequenas festas com palestras sobre a figura do genial estadista do proletariado, nos Estados municípios, distritos, fazendas e fábricas.

Homenageando Stalin, o chefe e amigo do proletariado, nosso mestre na luta contra o capitalismo, nosso guia genial na luta pela paz, fazemos um voto solene: o de transformar-nos de partidários da paz em "combatentes pela paz".

Em o dia do aniversário de Stalin serviu para reforçar o campo da paz da democracia em todo o mundo: para reunir e mobilizar as forças que se levantam contra o campo imperialista e anti-democrático liderado pelo capitalismo moribundo que se compõe de subornadores e subornados: subornadores os representantes do imperialismo inglês e especialmente, o norte-americano que apavorados com a crise cíclica do capitalismo, a situação na guerra e a glória da União Soviética e as democracias populares, visam com o intuito de instaurar o proletariado a única força da história que pode dirigir os povos pela guerra ao caminho da liberdade e da abundância. E' preciso lutar contra a morte e o capitalismo que os imperialistas estão subornando os traidores nos países que se dizem governantes "brasileiros" mas na verdade são serviços do imperialismo como o governo de Getúlio, chefiado por Dutra. O governo de Dutra não se cansa de retalhar o país para entregá-lo aos trusts e monopólios ianques, praticando cada dia que passa novos e berrantes escanalos: entrega de petróleo à Standard emprestimo à Ligh liquidação dos estoques do D. N. C. etc. O mais recente e a encampação da "Estrela de Ferro Ilheus-Conquista" na qual o Sr. Nelson Espindola Teixeira confessa que foram tiradas 90 mil libras esterlinas para subornar deputados.

Com tais fatos fica bem claro porque deputados e senadores das classes dominantes aprovam leis como a que cassou os mandatos dos comunistas, a de perseguição aos militares patriotas e querem votar leis de segurança do regime semi-feudal restante no país.

Comemorando o 70º aniversário do generalíssimo Stalin demos um passo para erguer a resistência organizada do povo contra a guerra impe-

rialista e desmascaramos os políticos carcomidos e negociatas; mostramos melhor às massas que a luta patriótica contra o imperialismo só pode ter êxito se apoiada no internacionalismo proletário, com o reforçamento da solidariedade à pátria dos trabalhadores que, guiada por Stalin, é o maior obstáculo para a realização dos planos guerreiros e colonizadores do imperialismo. E, deste modo, afirmamos estarmos dispostos a lutar pelo programa de lutas apontado pelo Cavaleiro da Esperança, Luiz Carlos Prestes e o Partido do proletariado.



SALVE STALIN!

Como brasileira que prezo sua pátria e quer o bem de toda a humanidade, eu juro fazer também alguma coisa boa, como contribuição à tua grandiosa obra. Juro lutar com todas as minhas forças, para que no mundo reine a Paz!

Se para tanto foi preciso o sacrifício da minha vida, disponha dela, é sua, outres já a deram, também a nossa infeliz Zélia tombou na luta para que outros possam viver dias melhores.

E' a minha dívida à nossa causa, Stalin!

FRANCISCA



JOSEF STALIN, O BEM AMADO DOS POVOS

Sábio, simples e humano, Joseph Stalin completou o seu 70º aniversário de nascimento, e quase seis décadas de relevantes serviços prestados à causa do socialismo e da paz. Teórico genial do marxismo, guia e mestre dos trabalhadores em sua árdua luta pela libertação das guerras aduancas da exploração capitalista, Joseph Stalin é o símbolo vivo dos sentimentos mais nobres e progressistas da humanidade. Discipulo, companheiro de lutas e amigo dedicado de Lenin, o genio da Revolução Proletária, Stalin é o fiel continuador da obra revolucionária do saudoso fundador do primeiro Estado socialista da história e do Partido Comunista (bolchevique) da URSS. Libertador de povos, edificador e consolidador da sociedade sem classes antagonicas, sem crises economicas proprias do regime capitalista, crises que geram as guerras e aumentam a miséria das massas; artifice principal da vitória das Nações Unidas sobre as hordas nazi-fascistas que ameaçavam os povos com mil anos de obscurantismo e tirania, Joseph Stalin na sua velhice gloriosa e feliz é o mais amado de todos os seres que a humanidade já produziu em sua longa e acidentada história.

Olimpio M. dos Santos

O Que Você Aprendeu Com as Comemorações a Stalin?

A Comemoração do 70º aniversário de Stalin surpreendeu os imperialistas e seus lacaios nacionais, que ficaram apavorados com o visto das homenagens, com o carinho de grandes setores da massa pelas iniciativas audaciosas dedicadas ao grande condutor do proletariado internacional.

Assim podemos sentir a justiça das palavras de Stalin quando, em 1918, afirmava que "a intervenção estrangeira e a politica de ocupação dos imperialistas não fazem mais do que agravar a crise revolucionaria, atraindo para a luta novos povos e dilatando o espaço dos encontros revolucionarios com o imperialismo".

Para os comunistas as comemorações de aniversário de Stalin deixaram evidente a capacidade de compreensão politica do proletariado e da massa e saientaram o enorme prestigio da União Soviética entre o nosso povo. Isso nos deve alertar e estimular para a execução de um trabalho mais amplo de divulgação das realizações do socialismo na URSS, apresentando claramente às massas a conspiração imperialista para deflagrar uma agressão contra a pátria dos trabalhadores e a necessidade de defendê-la intransigentemente dos ataques do capitalismo agonizante. Como podemos verificar, o nosso povo compreenderá esta necessidade, desde que o aertemos vigorosamente, porque as grandes massas oprimidas de nossa terra a URSS é uma esperança e uma certeza. Elas sentem que a pátria do socialismo é a maior conquista da humanidade e significa o sangue e a vida da classe operaria mundial.

Para os imperialistas e seus lacaios nacionais, que se viram forçados a se ocupar por alguns dias das comemorações do 70º aniversário de Stalin, como o prova a sua imprensa, o rádio e a mobilização furiosa de seu aparato policial, as manifestações populares do 21 de Dezembro foram também uma seria advertencia: verificaram eles que o partido da classe operaria não se liquida com decretos nem com o terror fascista, que o amor ao genial Stalin — que encarna o socialismo vitorioso e combatente — mergulha suas raizes profundas nas massas trabalhadoras do Brasil.

E' certo que não podemos nos dar por satisfeitos pelo êxito alcançado. Pois a ver-

dade é que, pela grande repercussão que alcançou, devemos hoje nos auto-criticar por não termos sabido ligar as comemorações vitoriosas do aniversário de Stalin a uma divulgação e agitação mais serias da necessidade da solução revolucionária dos problemas de nosso povo, a luta contra a dominação imperialista em nossa terra e contra os provocadores de guerra — a tirania de Dutra e seus patrões ianques.

Aqui em Minas, o governo udenista não deixou de participar, à sua maneira de capataz do imperialismo e da reação, das comemorações ao guia genial da Revolução Proletaria. Sua policia prendeu e espancou 11 operarios nas minas de Cia. Morro Velho. Por que? Porque os trabalhadores tiveram a audacia de enviar um presente a Stalin, distribuíram milhares de boletins de saudação ao Grande Camarada, enviaram-lhe mensagens e realizaram alvorada com fogos homenageando o Construtor do Socialismo. Em Uberlândia, as praças foram ocupadas pela policia e, em Belo Horizonte, a rádio patrulha foi toda mobilizada contra as bandeiras vermelhas, as faixas, os cartazes e as manifestações.

Frente a esses acontecimentos, a massa que assistiu com indifereçavel entusiasmo às comemorações do aniversário de Stalin pergunta: Por que toda essa mobilização policial contra as comemorações de aniversário do grande construtor da vitória sobre o nazi-fascismo? Isto não é mais uma prova de que, de fato, o imperialismo que maneja os Dutra e os Milton Campos, prepara a guerra contra a União Soviética?

Precisamos responder a essa pergunta do povo elevando a luta pela paz e contra o imperialismo em nossa terra. Não esqueçamos a lição dessas comemorações: a de que a massa tem uma sensibilidade politica muito maior do que o julgamos muitas vezes. Com as homenagens a Stalin devemos estar bem atentos para não subestimar, em nenhuma ocasião, o prestigio popular da URSS e de seu grande e sábio dirigente e o prestigio dos comunistas. Isso estimula o nosso entusiasmo em nossas lutas e nossa confiança na classe operaria e nas massas oprimidas do Brasil.

ALVARO DE ALMEIDA (M. Gerais)

Lembremos diariamente Stalin

Lenin levou o proletariado ao poder na Rússia e indicou os caminhos da construção socialista; Stalin construiu o socialismo na URSS e o faz avançar no mundo.

Stalin, o homem e o chefe mais querido das grandes massas, deve ser por nós aplaudido, seguido e lembrado a todo momento. Sua voz continua a nos dizer como lutar pela paz e o socialismo, e que isto só é possível esmagando os grupos capitalistas, especialmente o imperialismo americano. Eu, por exemplo, tenho dois filhos homens: criei-os para defender o que pertence ao povo, aos trabalhadores. No caso de uma hecatombe desencadeada pelos imperialistas eles e eu saberemos nos lembrar do grande Stalin, e faremos de nossa casa uma fortaleza anti-imperialista. João Evangelista Moreira

O COMANDANTE DO BARCO DA PAZ

STALIN é o chefe do proletariado mundial. Quero dar também, como trabalhador, os meus ardentes votos de saúde e felicidade pela passagem do seu 70º aniversário, que são também 70 anos de grandes lutas para construir uma sociedade nova, a sociedade de todos os trabalhadores do mundo, onde não exista mais guerra, fome e miséria.

Ao comandante deste grande barco da paz, desejo que tenha vida longa para nos guiar com sua grande inteligência e seu pulso firme no leme, para tirar a Humanidade deste mar de tempestades de guerras, fome e miséria.

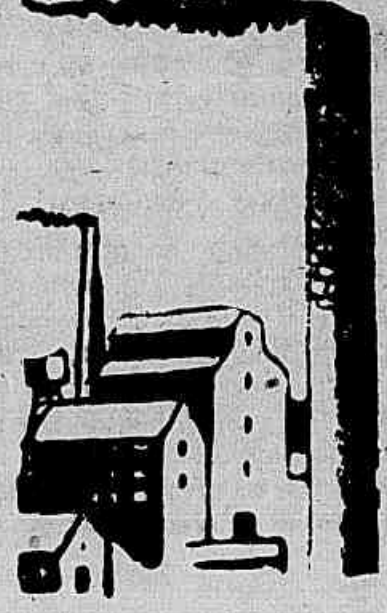
Estes são os votos de um humilde brasileiro que tem o nome de Stalin gravado no coração.

MIGUEL PEQUINI — Piratuba (Estado de São Paulo)

MENSAGEM

Envio minha mensagem ao Campeão da Paz e da Liberdade. Que se prolonguem os seus anos de vida, são os seus sinceros votos de felicidade a Stalin, o lutador da democracia — da verdadeira democracia, que não temos ainda em nosso país, mas que um dia a conquistaremos.

MANOEL ANTONIO DOS SANTOS — Santos (Est. de São Paulo).





O camarada STALIN

E. YAROSLAVSKI

EM NOVEMBRO de 1905, sob a direção do camarada Stalin, foi convocada a IV Conferência bolchevique da Federação do POSDR no Cáucaso, na qual estiveram representados os comitês de Baku, Imerequio-Mingrelia, de Tiflis e Batum e o Grupo de Guria. Decidiu-se, aí, preparar intencionalmente as organizações para a insurreição armada, e, para isso, tomar uma série de medidas organizativas.

F pouco tempo antes de começar a insurreição foi realizada, como se sabe, a Conferência dos bolcheviques em Tammorfio. Lá teve a grande ventura de participar dessa Conferência com Lenin e Stalin e de trabalhar com o camarada Stalin na Comissão Política para redigir as resoluções. É lamentável que não haja ainda sobre esta Conferência nem um go sbolchev. Por outro lado, muitos documentos não foram também conservados e nos seus historiadores terão de reconstruir o quadro em que ele se realizou.

Aí se viram pela primeira vez Lenin e Stalin. Falando deste encontro, o camarada Stalin traça do mesmo um retrato inimitável de Lenin:

"Encontrei-me pela primeira vez com Lenin — diz o camarada Stalin — em dezembro de 1905, na Conferência bolchevique de Tammorfio (Finlândia). Esperava ver a águia de nosso Partido, o grande homem, grande não só do ponto de vista político, mas também, se o quereis, do ponto de vista físico, porque em representava a Lenin como um gigante, alto e majestoso. Grande foi a minha decepção quando vi um homem completamente simples, de estatura abaixo da mediana, e que não se diferenciava em nada, absolutamente em nada, dos demais mortais...

E costuma que "um grande homem" chegue tarde às reuniões, enquanto os assistentes esperam sua aparição com o coração encoberto; que, quando está para aparecer o grande homem se avise na reunião: "Pauli silêncio, já vem". Parecia-me que este cerimonial não era superfluo, que se impunha, que inspirava respeito. Grande foi minha decepção quando soube que Lenin havia chegado à reunião antes dos delegados e que, afastado a um canto, procurava sem nenhuma afetação a mais corrente das conversações com os mais simples delegados da Conferência. Não nego que aquilo me pareceu então certa violação de algumas normas imprescindíveis.

So mais tarde compreendi que aquela simplicidade e modestia de Lenin, aquela desaje de passar despercebido, ou, pelo menos, de não chamar a atenção, de não destacar sua alta posição, eram traços que constituíam um dos lados mais fortes da personalidade de Lenin, como novo chefe de massas novas, das simples e vulgares massas das camadas mais "baixas" e profundas da humanidade" (J. Stalin — "Lenin" pag. 87, ed. esp.)

O camarada Stalin destaca também outro traço de Lenin:

"Magníficos foram os discursos — diz o camarada Stalin — que Lenin pronunciou nessa conferência: sobre os problemas do momento e sobre a questão agrária. Por desgraça, não foram conservados. Foram discursos inspirados, que levantaram um caloroso entusiasmo toda a Conferência. A extraordinária força de convicção, a simplicidade e clareza dos argumentos, as frases breves e inteligíveis para todos, a falta de afetação, de gestos teatrais e de frases de efeito, ditas para impressionar, tudo isso distinguia favoravelmente os discursos de Lenin dos discursos dos oradores "parlamentares" em vo-

mas não foi este aspecto dos discursos

de Lenin o que mais me cativou, então, mas a força invencível de sua lógica, que um pouco secamente, mas de modo profundo se apodera do auditório, o eletriza pouco a pouco e depois o cativa, como se costuma dizer, sem reservas. Recordo que muitos delegados diziam: "A lógica nos discursos de Lenin é como tentáculos poderosos que nos pegam por todos os lados e dos quais não há meio de nos livrarmos: temos de rendermo-nos ou sofrer uma completa derrota".

Creio que esta particularidade dos discursos de Lenin é o aspecto mais forte de sua arte oratória". (Lugar citado).

O camarada Stalin em sua atividade encarnou ele mesmo estas notabilíssimas qualidades de Lenin, formando infatigavelmente no Partido e nas Juventudes Comunistas dirigentes políticos de tipo leninista.

A derrota da insurreição de dezembro não fez vacilar os bolcheviques. O camarada Stalin deu um exemplo de tempera e firmeza revolucionárias naquele momento difícil.

Notável é o folheto do camarada Stalin "Dois Choques", escrito em janeiro de 1916. Trata de dois choques: o 9 de janeiro de 1905 e a insurreição de dezembro do mesmo ano. A 9 de janeiro o proletariado "foi pacificamente" pedir ao tsar "pão e justiça". Procurou apêlo nos ícones e retratos do tsar. Este reduziu a cinzas todas as suas esperanças. O proletariado de Petersburgo tomou então as armas. Depois dos sangrentos dias de janeiro os operários diziam: "Já que o tsar nos recebeu a tiros, lhe pagaremos na mesma moeda!".

Mas a ação do proletariado peterburguense em janeiro não contava com o apoio decidido do proletariado e dos camponeses de todo o país. O movimento não foi simultâneo nem estava dirigido para um unico fim. O Partido estava recém formado, debilitado pelas lutas internas.

Não sucedeu o mesmo em dezembro de 1905; onze meses de tormenta revolucionária não haviam transcorrido em vão para o proletariado em luta. Já não houve ícones nem estandartes tsaristas; seu lugar foi ocupado pelas bandeiras vermelhas e os retratos de Marx e Engels; tampouco foram cantados salmos nem o "Deus guarde o tsar"; em seu lugar ressoaram poderosamente a "Marselhesa" e a "Varsoviana". Já havia também armas, se bem que em quantidade insuficiente. Se em janeiro era o cura Gapon quem dirigia o movimento, em dezembro já estava à sua frente o Partido do proletariado. Mas, desgraçadamente, o Partido não estava unido, o proletariado estava dividido.

O camarada Stalin assinalava o erro de que na insurreição de Moscou os operários adotaram uma tática defensiva e não ofensiva.

O camarada Stalin deduzia disso que para que o movimento conseguisse maiores êxitos, era preciso estabelecer a unidade do proletariado revolucionário. "Em uma palavra, um partido unico, uma insurreição armada organizada pelo Partido e uma política de ofensiva, isto é o que exige de nós o triunfo da insurreição". (Citado segundo o livro de L. Beria).

As lamentações mencheviques de que o proletariado estava vencido respondia o camarada Stalin:

"Não, camaradas! O proletariado não está vencido, mas se retirou temporariamente, e agora se prepara para um novo choque glorioso. O proletariado da Rússia não deixará cair a bandeira tinta de seu sangue: foi e será o unico dirigente digno da revolução russa". (Lugar citado).

Prestes e a Juventude

(Conclusão da 5.ª pag.)
a da lavadeira do morro. No seu amor, que não é iluminação nem pela instrução nem pela cultura, ela, a distancia, cobre de zelo o grande líder do seu povo que conheceu há quarenta anos mais ou menos. De longe acompanha a sua vida com o mesmo enlevo e orgulho com que jogava o filho mais novo para o ar e o aparava nos braços, exprimindo sua alegria, ao saber que Prestes fôra aprovado nos exames como o primeiro da turma.

Por ele chorou e por sorriu. Quando sua filha veio do exílio em que nasceu, ela estava no meio do povo e ficou admirada como, naquela multidão de milhares de pessoas, ele, que estava tão emocionado a reconheceu e acenou para ela. E um dia, quando ele visitou o morro da Favela, onde ela hoje mora, e tentaram impedir que ela apertasse a mão da sua filha, Prestes interveio pessoalmente mostrando que se tratava de uma pessoa que sua filha devia conhecer. E o amor daquela mulher do povo cresceu ainda mais, cresceu na proporção que crescem o amor e a esperança do povo no seu extraordinário dirigente, cresceu como cresce a sucessão dos dias e as dificuldades da luta que ele conduz para um fim inextinguível e vitorioso.

Eis aí a importância de ser um homem de massa, ela como é importante para o povo saber tratar com o povo. Se nos lembrarmos de que Prestes, nessa época, não era um comunista, pois só chegou ao conhecimento do marxismo depois da marcha da Coluna, no exílio, esse fato cresce de significação.

O exemplo de Prestes é, como vimos, o exemplo da paciência, da modestia, da simplicidade, ele que é o maior, e essas, precisamente, são algumas das qualidades que hoje só os comunistas podem possuir conscientes e que representam. Essas qualidades se chocam com o sectarismo através de todas as manifestações dessa triste doença que faz o jovem um inepto, um velho, que não sorri e não dança, que não anima uma conversa que não puxa um cordão. Acho que nós precisamos de jovens que, com audácia e espiri-

to esportivo, coisas que se enquadram no espírito revolucionário da juventude de vanguarda, puxem o cordão, o grande, extenso, interminável cordão da nossa juventude das favelas e das escolas, dos campos de futebol e das conversas de esquina, a juventude que aspira a uma vida melhor e que se leve levado em conta os seus problemas específicos e interesses particulares, sejam de ordem econômica, política e cultural.

Termino aqui minhas palavras, companheiros e amigos. Quero, entretanto, restallar que muita dificuldade vocês jovens encontrarão no caminho. A dificuldade quase sempre está dentro de nós mesmos e será lutando para vencê-la, vencendo nossos defeitos, nossas vacilações, por meio do invencível instrumento da crítica — da auto-crítica, que chegaremos a ser o que desejamos, isto é, revolucionários de novo tipo, comunistas, homens da tempera especial de que fala o grande Stalin. Mas em materia de dificuldade não posso esquecer o que li certa vez, um fato tipico ocorrido numa frente de luta em que as coisas eram tão difíceis como jamais poderão voltar a ser. Foi nos dias mais duros da edificação do socialismo em Leningrado. Uma das fábricas da cidade hepoica havia recebido a tarefa de assimilar um novo tipo de produção, difícil e complexo. O engenheiro construtor vacilou. A tarefa lhe parecia irrealizável. Então ele procurou Kirov, dileto discípulo de Stalin, jovem tribuna dos maiores dirigentes da revolução e da construção da nova vida, e confessou suas dúvidas.

"Não sei — respondeu Kirov — como está o problema do ponto de vista técnico, mas do ponto de vista comunista isto deve e pode ser realizado".

As palavras de Kirov logo se espalharam na fabrica. Elas invadiram os corações como uma flama. Animados por essa atitude revolucionária, nova, comunista, os operários e engenheiros tomaram-se de entusiasmo. E a tarefa foi cumprida com perfeição e no devido tempo. Estê, amigos e companheiros, dev ser o espirito de nossa juventude de vanguarda.



O imperialismo lanque crava suas garras no Japão (carticatura de Boris Efimov)

NÃO TERMINOU A LUTA NA "CENTRAL"

DEPOIS de mais de uma semana de greve pelo recebimento imediato do Abono de Natal voltaram ao serviço os ferroviários da Central do Brasil. Mas a luta não foi concluída e continua a se desenvolver em toda a Estrada.

Os ferroviários resolveram voltar ao serviço com a promessa feita pelo comandante da guarnição federal de Belo Horizonte de que seriam enviados todos os esforços para o pagamento do Abono ainda este mês e de que nenhum grevista sofreria qualquer perseguição.

Estas são promessas inconsistentes e como todas as promessas de um governo violentamente anti-operário e esfomeador dos trabalhadores, não serão evidentemente cumpridas se os ferroviários não aproveitarem a tregua para reforçar sua unidade e organização para se preparar para arrancar pela força de sua combatividade e organização aquilo a que têm os mais indiscutíveis direitos. Afinal, o que tem feito a direção da Estrada, depois de cessar a greve, para pagar rapidamente o Abono que deve aos mensalistas e extra-numerários? Nada, absolutamente nada. Muito pelo contrário, se põe a trombetear pela imprensa oficial e oficiosa do governo que "a greve causou sérios prejuízos à Estrada", que a situação da Empresa é agora "mais difícil do que anteriormente", quando o sr. Dur-

REGRESSARAM AO TRABALHO OS GREVISTAS DE MINAS, MAS PROSEGUE EM TODA A ESTRADA A CAMPANHA PELO RECEBIMENTO IMEDIATO DO ABONO — UMA TREGUA, NA QUAL A PROPRIA DITADURA RECUOU — AS FORÇAS DOS FERROVIARIOS SAO MAIORES QUE AS DE SEUS INIMIGOS —

val de Brito justificava o não pagamento do Abono por "falta de numerário". O sentido desta propaganda sobre supostos "prejuízos" salta à vista: é tentar justificar novos e maiores adiantamentos no pagamento do Abono aos ferroviários.

REAÇÃO POLICIAL EM TODA A ESTRADA

Temos aí, portanto, a primeira quebra do compromisso assumido pela direção da Estrada com os grevistas. Mas, de outro lado, enquanto o comandante da guarnição militar de Belo Horizonte, empenhava sua "palavra de honra" de que ninguém seria perseguido por motivo da greve, lavra em toda a Estrada, especialmente em São Paulo, a mais feroz perseguição contra os ferroviários. As principais concentrações continuam ocupadas por beleguins policiais que realizam prisões dos mais ativos dirigentes ferroviários, como está acontecendo em Jacaré, no Estado de São Paulo.

Os ferroviários aprendem assim, uma dura, mas preciosa lição: a de que a classe operária

em suas lutas só pode aceitar as "promessas" dos patrões e do governo apenas como uma tregua momentânea, quando o grau de sua organização e de sua unidade não lhes permite prosseguir em greve. E esta tregua momentânea precisa ser sempre bem aproveitada para um novo reagrupamento de forças, para a melhor preparação de novos combates.

OS FERROVIARIOS NAO FORAM DERROTADOS

Se bem que não tenha ainda alcançado a vitória — isto é, o pagamento do Abono — a greve dos ferroviários da Central, na rede mineira, não foi derrotada. A greve cessou quando os trabalhadores verificaram que não possuíam ainda a suficiente organização e unidade para levá-la através de batalhas mais energéticas contra a reação a um período muito mais longo. Os trabalhadores recuaram, mas recuaram organizadamente, sem pânico e depois de terem arrancado da Estrada promessas que, mesmo demagógicas, demonstram que a ditadura de Dutra não teve forças

para esmagar o movimento dos ferroviários como pretendia fazer e como não escondiam as ameaças claras ou veladas de seus agentes.

A greve assinala, ainda, o crescimento das lutas da classe operária no país, lutas que se tornam possíveis até em empresas como a Central, onde os trabalhadores vivem permanentemente sob a mais rigorosa vigilância de uma série de polícias e sujeitos à desenfreada demagogia ministerialista dos pelegos. A greve foi, ainda, uma grande experiência para todos os trabalhadores.

DUAS GRANDES EXPERIENCIAS

A primeira experiência da greve, e de maior importância, foi demonstrar aos ferroviários a força do proletariado e, muito especialmente, do proletariado das grandes empresas dos setores fundamentais. Ainda desorganizados sem uma direção central, os ferroviários mostraram que mesmo as pequenas greves parciais e localizadas numa empresa como a Central do Brasil deixam

em pé a reação e levam, inclusive a recuos expressivos. A verdade é que a unidade e o espírito de luta dos ferroviários em Belo Horizonte e Lafayette aterrorizaram a ditadura, que por ocasião do movimento não se atreveu a derramar o sangue dos trabalhadores como sempre procura fazer em idênticas situações. Isto mostra aos trabalhadores que não têm porque temer nas suas lutas, principalmente se estas lutas põem em movimento uma corporação inteira e numerosas como a dos ferroviários; suas forças, quando unidas e lançadas organizadamente ao combate são muito maiores que as de seus inimigos.

Outra grande experiência da greve foi destacar a importância de combates parciais nas grandes empresas. É claro que aos ferroviários da Central falta ainda uma organização e uma unidade de caráter nacional, e isto ficou evidenciado durante o movimento, com a localização da greve no Estado de Minas Gerais. Mas, por isso mesmo, os ferroviários de Minas, através desta experiência, não deixaram de se convencer da necessidade de unificar todos os trabalhadores da empresa. Somente com a própria greve é que eles vieram sentir, clamorosamente, quanto lhe é necessária esta organização. As lutas que continuam se desenvolvendo

(Conclui na pag. 13)

PARA AVALIAR o nível atual da consciência política e da combatividade prática do povo brasileiro na luta contra o imperialismo e compreender, a esse respeito, o papel desempenhado pelo manifesto de 28 de janeiro de 1948, lançado por Prestes, é necessário precisar e levar em conta algumas características peculiares da penetração imperialista em nosso país. Essas características são daquelas que, ainda até há bem poucos anos, vinham fazendo da penetração imperialista um processo dificilmente perceptível para a maioria do nosso povo, impedindo-o, assim, de tomar conhecimento do mais sério inimigo da independência nacional, do inimigo que, de fato, já reduziu o Brasil a uma condição de quase colônia.

A penetração imperialista em nosso país vem de longa data. Mas o imperialismo sempre teve a habilidade de mascarar essa penetração de maneira o menos possível ostensiva. Era-lhe vantajoso, realmente, avançar sobre as riquezas brasileiras, no essencial com a colaboração das classes dominantes nativas, e ao mesmo tempo conservar a ficção da nossa independência nacional. Com isso, o processo da penetração podia ficar velado aos olhos das vastas massas populares, evitando-se, assim, os seus protestos, a sua resistência ativa e organizada. É evidente que o imperialismo teria tentado liquidar mesmo uma fictícia independência nacional, envolvendo sem rebuços pelo caminho da colonização, se tivesse encontrado alguma resistência ponderável. A própria China feudal não se deixou subjugar sem luta armada pelas potências imperialistas, que

UMA NOVA ETAPA NA LUTA ANTI-IMPERIALISTA

por JACOB GORENDER

desde a Guerra do Opio, em 1839, diversas vezes foram obrigadas a recorrer à violência para firmar os seus privilégios no imenso país asiático.

Mas, no Brasil, os senhores de terra e a grande burguesia comercial desde cedo estabeleceriam múltiplos laços econômicos com o imperialismo. A grande burguesia industrial, de surgimento muito retardado, pouca resistência poderia oferecer; acabando também por capitular, já agora, em grande parte, pregando e praticando a submissão aos monopólios de Wall Street.

O resultado é que, por tais e outros motivos históricos, não sofreu o Brasil amputações territoriais como o México (roubado em metade da sua área nacional pelos Estados Unidos), não conhecemos os numerosos e insólitos desembarques de fuzileiros navais lanques como Nicarágua, Cuba e demais países centro-americanos, nem fomos obrigados a ceder inalienáveis direitos de extraterritorialidade e entregar formalmente o próprio controle aduaneiro a uma potência estrangeira, como aconteceu com a China. Em nosso país, logo as classes dominantes, com a aprovação do próprio imperialismo, representaram, até há bem pouco, a comédia da independência nacional sem macula.

Compreende-se, pois, porque, durante tão longo tempo, não conseguiu o povo brasileiro adquirir uma noção mais nítida do paulatino avanço im-

perialista nem, até 1930, se conheçam lutas de massa contra a invasão do capital financeiro, com exceção do impressionante "quebra-bandeira" ocorrido, em 1929, na cidade do Salvador. Mas isso se dava também por um outro motivo fundamentalmente ainda não enunciado: a formação recente do nosso proletariado e a debilidade da sua vanguarda política, que, a partir de 1922 começa lentamente a se desenvolver, adquirindo um maior impulso precisamente após os acontecimentos de 1930.

Nas condições internacionais do século XX, é o proletariado a única força social capaz de lutar contra o imperialismo de modo consequente. Como em todos os países coloniais, sem coloniais e dependentes também no Brasil a experiência histórica o comprovou. É na verdade, sob a direção dos comunistas, vanguarda do proletariado, e sob o comando supremo do camarada Prestes, que se forma, em 1935, a Aliança Nacional Libertadora, primeiro movimento político anti-imperialista surgido no Brasil com amplo caráter de massa. Apesar da sua derrota, realizou a ANL um grande trabalho de agitação e deu magníficos exemplos de combatividade, desbravando o terreno sobre o qual se desenvolve hoje o movimento anti-imperialista em nossa Pátria.

As circunstâncias que enquadram a luta anti-imperialis-

ta, no caso brasileiro como no de outros países em situação semelhante, após o término da Segunda Guerra Mundial, apresentam, porém, sensíveis diferenças com relação ao passado. Se antes a penetração imperialista partia de várias grandes potências, o que permitia às classes dominantes do país oscilar entre elas e disso tirar certas vantagens, inclusive a preservação de uma independência nacional de minguado conteúdo real, mas aparentemente completa, hoje a penetração parte, em substância, de uma só grande potência, que são os Estados Unidos. Esse processo de simplificação contribui para dar ao avanço imperialista uma violência insuportável. Por outro lado, em virtude do aprofundamento da crise geral do sistema capitalista, o imperialismo lanque exige das nossas riquezas praticamente o monopólio absoluto, recorrendo cada vez mais a uma brutalidade e a um descaçamento antes aqui desconhecidos. Como fato novo, as exigências econômicas se acrescentaram as exigências estratégico-militares com as consequentes missões lanques de dominar todos os setores das forças armadas e o entrosamento do Brasil na preparação guerreira chefiada pelo estado maior de Washington. Chegamos, assim, a uma situação em que as próprias classes dominantes, com a aprovação e o estímulo do imperialismo, julgam conveniente des-

cer o pano sobre a comédia da independência nacional sem macula, passando a entoar a vergonhosa ladainha da "alienação progressiva da soberania nacional", da submissão pura e simples em todos os domínios, à "direção norte-americana", conforme prega o "Com-relo da Manhã".

Não resta dúvida que o imperialismo se pôs, por força das circunstâncias, por um caminho para ele extremamente perigoso. Para as massas populares as coisas vão ficando cada vez mais claras e compreensíveis, o que não pode deixar de impulsioná-las à luta. Sobre tudo porque, a diferença do passado, já possuímos as massas para guiar uma vanguarda experiente e poderosa, capaz de elevar a nível cada vez mais alto a resistência ao avanço salameiro de nossa Pátria pelo imperialismo lanque.

A fim de caracterizar a que foi no imediato pós-guerra, a atuação dos comunistas na educação e na luta anti-imperialista das massas do nosso povo, recordemos a sensacional denúncia de Prestes contra o "Livro Azul" do Departamento de Estado, denúncia de tanta repercussão na sua época, e a vitoriosas campanhas pela derrogação das bases militares, cuja ocupação os lanques tentaram consolidar após a vitória sobre o nazifascismo. Não resta dúvida que, apesar das debilidades já assinaladas pelo camarada Prestes em diversos estudos críticos, foi a luta contra o imperialismo lanque um dos aspectos mais positivos da atuação dos comunistas brasileiros, durante o curto período da sua legalidade.

O manifesto de janeiro de 1948, lançado pelo camarada Prestes, constituiu, todavia, o

(Conclui na pag. Central)